ELIZARA CAROLINA MARIN

# TRABALHO E LAZER DA MULHER CAMPONESA

## o caso da Comunidade de Vale Vêneto

Campinas - São Paulo

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física

1992

TCC/UNICAMP
M338t
1290002530

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Recreação e Lazer do Curso de Especialização em Recreação e Lazer, da Faculdade de Educação Física, da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Professora Heloisa Turini Bruhns.

# AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Heloisa Turini Bruhns, pela sua contribuição nas minhas primeiras navegações.

Aos professores, Celi Taffarel e Nelsom C. Marcellino, pela atenção nas discussões e a todos professores que contribuiram na elaboração desta monografia.

A Edsom Vallente pela super contribuição na discussão do texto final e a toda sua família.

Aos funcionários da FEF, bibliotecários, telefonistas e secretárias...

A todos os colegas de navegação.

Aos demais amigos que de uma forma ou de outra, navegaram comigo.

As amigas Bel, Elzinha, Gíliam, pelo que me ensinaram e juntas construímos.

Ao meu companheiro e mestre de Capoeira Tulé, por toda atenção e carinho destinado no decorrer deste processo.

Aos meus pais camponeses, pela presença contante, embora distantes, motivadores da escolha deste tema de pesquisa.

A Cleides, minha irmã, ponte de ligação constante com as notícias e energias do Rio Grande do Sul.

Ao Prof. Joel, meu irmão, cuja super contribuição do início ao final deste estudo, muito me estimulou.

Aos outros 11 manos, pela contribuição, cada um a seu modo, na efetivação deste estudo.

Em especial, às camponesas colaboradoras deste estudo, sem o qual, não haveria possibilidade de sê-lo.

DEDICO AOS CAMPONESES DO CAMPO E DA CIDADE QUE SONHAM COM UM NOVO AMANHÃ...

A TODAS AS MULHERES...

O propósito do estudo é detectar as relações entre trabalho-lazer e mulher, identificando-os no seio da Comunidade de Vale Vêneto - Rio Grande do Sul. Através das relações sócio-culturais da Comunidade, previligia-se compreender o âmbito do trabalho, especialmente o "mundo do trabalho" que cabe a camponesa, para fora dele, detectar como se dá sua participação e aspirações na esfera do lazer.

SUMÁRIO

1- CONSIDERAÇÕES INICIAIS ..... 01

2- CAMPONÊS (significação) ..... 06

3- VALE VÊNETO SOB RETROSPECTIVA - 1870 à 1940 ..... 08

4- "AGORA TÁ TUDO MUDADO" (Período de 1940 até a atualidade) .. 15

4.1- "AQUI TODOS TRABALHA E SE AJUDA" ..... 19

4.2- "TUDO É TRABALHO MÁ É DIFERENTE UM TRABALHO DO OTRO, CADA UM SABE DO SEO" ..... 21

5- RELAÇÕES DE TRABALHO ..... 25

5.1- "EU NOM ME SINTO FELIZ SE NOM TÔ TRABALHANDO" .... 33

6- "É DIFÍCIL DE SE OCUPÁ DAS COISA PRA GENTE MESMO" ..... 41

6.1- "AQUI É SÓ DE SÁBADO DEPOIS DA MISSA, DOMINGO A GENTE NOM SAI" ..... 45

6.2- "NÓS TEMO UMA VIDA MAIS QUIETA, MAIS EM CASA" .... 49

7- ASPIRAÇÕES DAS MLHERES CAMPONESAS "NEM SEI DIZÊ PORQUE NUNCA TIVE NADA" ..... 51

8- CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 62

9- NOTAS ..... 65

9- BIBLIOGRAFIA ..... 70

# 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O propósito desta pesquisa é estudar as relações entre trabalho - lazer e mulher, identificando-as no seio da Comunidade[1] de Vale Vêneto - Rio Grande do Sul. Através da forma de organização sócio-cultural de Vale Vêneto, prioriza-se compreender o âmbito do trabalho, destacando-se a participação da mulher camponesa, para fora dele, detectar a participação e as aspirações destas camponesas ao lazer.

A mulher camponesa na faixa etária entre os 30 aos 60 anos de idade é a personagem que nos conquistou e envolveu neste estudo monográfico do Curso de Especialização em Recreação e Lazer. Personagem esta, que vivencia cotidianamente submissão ao homem, a extensa jornada de trabalho (casa e lavoura) e como consequência, carência de tempo para o lazer. Apesar de toda sua existência estar ligada ao trabalho produtivo, a não valorização das atividades domésticas, ocultam sua participação da população economicamente ativa e seu trabalho desempenhado nas atividades agrícolas, tem sido considerado auxílio ao chefe do lar. Neste sentido, continua ser ignorada como força produtiva e lhes são negados os mais elementares direitos.

A escolha deste tema , bem como das camponesas pesquisadas, estão relacionados ao conjunto de trabalhos que já algum tempo vem-se desenvolvendo e com a convivência nesta comunidade desde a mais tenra idade.

Imbuídos de questionamentos e reminiscências, partiu-se à pesquisa de campo, na tentativa de compreender o mundo da mulher camponesa no trabalho e no lazer, através das seguintes questões inter-relacionadas:

- Como se dá a participação da mulher em relação ao trabalho na comunidade ?
- Como se dá a participação da mulher nas atividades reconhecidas como âmbito do lazer na comunidade ?
- Como é entendida pela mulher a situação que está colocado a ela em relação as atividades de lazer ?
- Oque é considerado como aspiração das mulheres no que tange ao lazer ?
- A quem atribuem a responsabilidade, no que diz respeito as atividades de lazer individual e coletivo na comunidade ?

A medida que colhia-se os depoimentos através de entrevistas e observações, confirmava-se a necessidade de amparo teórico para ter maior clareza sobre a problemática que rodeia e condiciona o comportamento da mulher frente ao trabalho e ao lazer. Portanto, este estudo descreveu duas perspectivas contextuais: uma voltada às fontes bibliográficas e outra à coleta, análise e sistematização dos dados da realidade prática.

O fato de originarmos da comunidade em estudo, com uma vivência de 20 anos junto aos moradores, facilitou a acolhida e a predisposição para contribuirem com a pesquisa.

As entrevistas realizaram-se nas próprias residências pela dificuldade de encontrar as mulheres nos centros de encontro nos finais de semana e mesmo, pós celebrações religiosas.

Manteve-se contatos anteriores, marcando hora e dia de maior disposição, para que a entrevista pudesse transcorrer tranquilamente. Mesmo assim, algumas conversas foram interrompidas pelo chamado dos filhos, por alguma visita, provocando corte na sequência dos depoimentos e inibições. Em alguns casos as mulheres sentiram dificuldade para abordar questões que envolviam discurssões mais detalhadas sobre as próprias sensações e aspirações.

A maioria das conversas ocorreu nos finais de semana. Estas eram discontraídas e prolongadas discorrendo-se para outras questões do cotidiano das mulheres, que também contribuíram para enriquecer o estudo.

Nos primeiros contatos, embora ciente do acolhimento, sentia-se constrangimento em chegar nas residências. Sabia-se que seus trabalhos seriam interrompidos, acumulando-os para horários posteriores. No decorrer da pesquisa de campo, obteve-se maior tranquilidade pois as entrevistas tornavam-se agradáveis e envolventes, tanto para a pesquisadora quanto para a entrevistada.

Ouvir consistiu inicialmente ter que aprender a ouvir. A ansiedade de saber e perguntar, tornáva-nos surdos. Foi um exercício de

atenção e muita dedicação. As camponesas foram estimuladas a falar livremente sob os mais variados aspectos relacionados ao trabalho e ao lazer. As vozes calmas, lentas, falavam da rotina trazendo a tona saudosismos reiniscentes, passagens herdadas dos pais e avós. Expressavam o cansaço da labuta, o convívio com a família, as horas de descanso, o prazer e o desconforto do trabalho, emfim mesclavam-se a tristeza e a alegria. Seus corpos fatigados, as mãos calejadas e seus meios sorrisos refletiam um pouco de suas vidas. Criou-se nos depoimentos atmosfera agradável, cheia de calor humano e cumplicidade. Muitas confiaram recordações que as envolviam emocionalmente. Nas despedidas solicitavam retorno para outras visitas.

Na transcrição e interpretação dos depoimentos, fez-se necessário frequente exercício de atenção, pois suas falas são carregadas de expressões marcadas pelo cotidiano. E para sua compreenção, tornou-se imprescindível sensibilidade e repetidas leituras de modo a aproveitar os depoimentos sem desviá-los do contexto utilizado pela entrevistada. Ao trabalhar suas falas, procurou-se manter a linguagem própria de cada uma.

Na tentativa de resgatar a importância da mulher rural enquanto trabalhadora e produtora de riquezas, que necessita ter sua cidadania garantida e dentre esta, o direito ao lazer, foram as razões que levaram a empenhar este estudo acerca do trabalho e lazer da mulher rural.

O lazer tem sido considerado uma poblemática marcadamente urbana, derivada das relações de trabalho processadas neste meio a partir da Revolução Industrial, o qual deu início à nítida divisão entre o tempo de trabalho e o "tempo disponível". Prova disto é a escas-

ses de estudos sobre o lazer nas sociedades rurais. Contudo, o lazer constitui-se uma necessidade humana que foge às restrições de tempo e espaço. Para tal, entende-se o lazer conforme MARCELLINO: "como a cultura - compreendida no seu sentido mais amplo - vivenciada (praticada ou fruída) no "tempo disponível". O importante como traço definidor, é o caráter "desinteressado dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação"[3]. Neste entendimento, o lazer possui estreita relação com o trabalho. Como coloca BOSI, o lazer "deve sempre ser definido em relação (de posição e oposição) ao trabalho. Não como fato externo, mas como é vivido pelo trabalhador, como integrado na vida cotidiana e como significação para sua consciência"[4].

Por se estar estudando a forma de produção camponesa, faz-se necessário considerar que não há uma separação rígida entre trabalho e lazer, haja visto que os camponeses ainda detém, embora de forma precária, certos instrumentos de trabalho como : terra, ferramentas, maquinário agrícola. Estes instrumentos conferem aos camponeses relativa autonomia no processo de condução do trabalho. Muitos trabalhos aparecem mesclados ao lazer e o lazer mesclado ao trabalho.

Feitas as considerações metodológicas acerca do marco referencial teórico e da pesquisa da realidade prática, a ordenação do estudo assim se apresenta : num primeiro momento expõe-se uma pequena retrospectiva histórica da comunidade de Vale Vêneto, abordando sua origem, religiosidade, organização familiar, relações de produção, costumes e valores dos moradores. Chegando a atualidade, levanta-se as transformações ocorridas nas relações sócio-culturais, trazidas pelo avanço do capitalismo, à vida dos camponeses. Num segundo momento

aborda-se as relações de trabalho no interior das pequenas propriedades agrícolas, remetendo a três questões fundamentais: a primeira questão, refere-se ao mundo do trabalho que cabe a camponesa, a segunda refere-se a influência da organização do trabalho no seu lazer, e o terceira questão, está ligada a explicitação das atividades de lazer existente na comunidade. No terceiro momento, aborda-se as aspirações das próprias camponesas no que tange ao lazer.

## 2. CAMPONÊS (Significação)

A abordagem deste tema nos leva a uma primeira exigência: compreender o termo camponês[5] , visto que cada estado ou região difere pelo modo de vida próprio, pelo contexto histórico - social de formação.

O campesinato constitui-se por várias categorias, entre elas pode-se citar posseiros, arrendatários, parceiros e pequenos proprietários. Cada uma destas categorias apresentam espeficidades nas relações socias de produção que estão inseridas, como também agregam premissas gerais. Contudo, não é nosso objetivo detalhar as características destas frações. Para fins deste estudo o entendimento de camponês, ou seu sinônimo, colono, entende-se como: pequeno produtor de mercadorias; proprietário da terra e de outros meios de produção; utiliza basicamente a força de trabalho familiar; reproduz-se socialmente através do sistema de herança; desenvolve uma produção destinada ao comér-

cio e outro de subsistência com venda dos excedentes. Orienta sua produção aos bens de uso necessários à reprodução familiar. Como salienta SHANIN, é "uma entidade social específica, dependente da presença de estabelecimentos rurais familiares como a unidade básica da economia e da sociedade"[6].

Essa forma própria de conduzir a produção das condições materiais de vida, vem acompanhada simultâneamente, por uma visão de mundo particular que confere ao camponês um modo próprio de organizar a vida familiar, comunitária, e também de um conjunto de normas, valores, hábitos e crenças religiosas. Possuem ainda uma forma própria de conceber e vivenciar o lazer que frequentemente vem mesclado com o trabalho.

Contudo, a pequena produção não é uma instância isolada, está subordinada tanto economicamente, quanto político e culturalmente ao meio urbano e ao modo de produção capitalista.

Tendo em vista o exposto e acrescido de que cada comunidade camponesa está ligada a traços e laços inerentes ao seu contexto específico e por interações com o contexto social mais amplo, como se caracterizaria a comunidade de Vale Vêneto?

Para melhor compreender o trabalho, o lazer e as aspirações ao lazer das camponesas de Vale Vêneto, considera-se importante fazer uma retrospectiva da vida da comunidade. Para tal, fez-se uma sub-divisão entre o período que antecedeu a expansão das relações capitalistas no campo, a partir da modernização tecnológica (1870-1940), e o período posterior a 1940 até atualidade.

## 3. VALE VÊNETO SOB RETROSPECTIVA - 1870 A 1940

Vale Vêneto foi fundado por Imigrantes Italianos da Região de Vêneto, norte da Itália, no ano de 1877. Nesta época veio a formar um dos núcleos que compõe a Quarta Colônia Italiana de Silveira Martins. Sendo que as três primeiras Colônias Italianas foram Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi[7]. Estas três colonias localizam-se na micro-região da serra, nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Vale Vêneto localiza-se no centro deste Estado, na micro-região da Encosta do Planalto e pertence atualmente ao município de Faxinal do Saturno. Tem sido considerado centro histórico e cultural da Quarta Colônia Italiana de Silveira Martins pela importância das tradições que ainda conserva no seu cotidiano[8].

Estas imigrações dirigidas às regiões Sul Meridionais, visaram ajustar a economia, uma vez que as relações capitalistas que se expandiam no Brasil geravam desequilíbrio estrutural entre as novas necessidades da sociedade e a capacidade produtiva existente. A implantação destas colônias de Imigrantes Italianos teria por objetivo aumentar a produção agro-pecuária, bem como, ampliar o mercado consumidor[9].

Deve-se salientar que as regiões destinadas a colonização eram na sua maioria montanhosas, de mato cerrado, pedregosas e acidentadas, por isso rejeitadas pelos latifundiários, grupo hegemônico da época. Os colonos receberam pequenas propriedades com uma média de 25

hectares.

Neste período a produção era voltada à pecuária extensiva. Com a chegada dos imigrantes, começa-se desenvolver a pequena propriedade orientada à policultura, caracterizando-se pela diversificação da produção. O imigrante produzia sua alimentação e de sua família, após satisfeitos, vendiam aos comerciantes o execedente, o qual era destinado a suprir as necessidades do mercado local e regional. LORENZONI, vivenciou este período e relata que os preços pagos aos produtos agrícolas eram ínfimos, todavia os colonos necessitavam vender seus produtos agrícolas, para comprar outros não produzidos diretamente pela propriedade como: sal, açúcar, café e o indispensável para se vestirem[10].

Estes imigrantes por serem originários do país sede da Igreja Católica, traziam consigo convicções religiosas cristãs e fé absoluta no trabalho. A fé em Deus e a perseverança no trabalho tornaram-se elementos de superação das condições geográficas e climáticas desfavoráveis das regiões. Segundo SANTIN "trabalhar era obrigação de todo homem por imposiçao do mandamento de Deus na Bíblia: "Comerás o pão com o suor do teu rosto". Esta fora a sentença recebida por Adão e Eva, cujo o preço também devia ser pago por toda a Humanidade. Aí estava, em parte, o princípio inspirado de tanta aceitação e dedicação ao trabalho"[11].

O trabalho torna-se para o imigrante um dos meio de sobrevivência. Através dele preparava instrumentos de trabalho e a terra para o cultivo da produção. Toda a família envolvia-se no plantio e na colheita, combinando vários produtos, entre eles: feijão, arroz, mandioca, milho, amendoim, trigo, hortaliças, árvores frutíferas e a

criação de animais domésticos. Em todas as estações do ano estavam envolvidos na produção agro-pecuária, onde todos os membros da família participavam do processo produtivo.

A família caracterizava-se por ser patriarcal e extensa, isto é, conviviam numa mesma residência mais de uma geração: avós, pais e filhos. O homem era o provedor dos alimentos, aquele que ditava ordens e regras, e trabalhava fora do âmbito doméstico. Tinha fundamentalmente que ser trabalhador. Segundo SANTIM, "o homem trabalhador subentendia todas as outras qualidades humanas e o imunizava de qualquer suspeita e dos vícios. Bastava ser trabalhador para merecer a confiança de seus semelhantes"[12].

As mulheres estavam submetidas às regras do patriarca, cabia a ela o cuidado dos filhos, da casa, da horta, dos animais domésticos. O artesanato de uso familiar, a exemplo: confecção de chapéus, cestos, roupas, tricô, tear, bem como a indústria caseira de doces, chemier, queijos, bolachas, eram atributos das mulheres. A maioria destas atividades artesanais eram realizadas visando autosuficiência da família e tornavam-se, na maioria das vezes, em momentos prazeirosos. À mulher, o critério de valoração do trabalho também era estabelecido, como discute SANTIM:

> "A mulher trabalhadeira está acima de qualquer outra prenda feminina. O trabalho era a virtude que superava a beleza e mesmo a riqueza e, ao mesmo tempo, escondia os defeitos. A moça, desde que fosse trabalhadeira, garantia seu futuro de boa esposa, de boa mãe e de boa dona de casa"[13].

Aos filhos homens, cabia a ajuda ao pai e às filhas a mãe. Estas quando casavam, recebiam um dote que na maioria das vezes era

composto de móveis e utensílios para a casa, enxoval e alguns animais domésticos, como forma de auxiliar o início da nova vida. O filho homem quando casava recebia um lote de terra como herança, mas, mesmo assim devia comprar dos demais herdeiros os títulos de posse da terra, daquelas parcelas que não obteve por herança.

A socialização das crianças dava-se pelo trabalho. Era norma entre os colonos ensinar a trabalhar desde cedo, conforme testemunho de uma das camponesas descendentes:

> "Foi meu pai e minha mãe que me ensinô a trabalha. Desde pequena que me conheço trabaiando na roça e em casa. Com oito anos ou nem já tava trabaiando. Ia olhá o pai e a mãe e assim fui aprendendo".

Pelo testemunho percebe-se que através das relações sociais cotidianas e principalmente no trabalho que as crianças aprendiam os diversos saberes necessária à vida rural. A família era o agente educativo mais importante. Já, a escola, na visão dos colonos imigrantes, ficava num plano secundário, tinha por função apenas ensinar a ler, escrever e contar, como nos conta uma camponesa:

> "Eu trabalhava mais na roça, eu quase nem tive oportunidade de estudá, desde os oito anos que trabalho. Má por sinal nom tinha aula, escola. Era só uma professora que ensinô alguma coisinha".

A maior parte dos instrumentos de trabalho era desenvolvido pela própria família camponesa. Ela detinha o conhecimento técnico do trabalho, isto é, havia alto grau de envolvimento dos colonos com a natureza. Por sua vez, os instrumentos eram rudimentares tornando o trabalho árduo, pouco rentável e também altamente dependente das for-

ças naturais, tais como: excesso ou falta de chuvas, ventanias, ataque de pragas, etc.

Na impossibilidade de controle sobre estes imprevistos da natureza, os colonos recorriam às rezas, como forma de garantir a sua produção. A religiosidade era o universo capaz de dar soluções aos problemas naturais que cotidianamente enfrentavam. Através da unidade pela fé criaram uma concepção de mundo capaz de manter um identidade social, indispensável para se auto protegerem e de lutarem pela sobrevivência individual e comunitária. A consolidação destas crenças se deu na criação espontânea de capelas nas linhas[14].

Conforme iam se organizando, outras necessidades foram surgindo, e a capela passou a atender outras instâncias da vida dos colonos, além do culto religioso. Constituiu-se num núcleo de solidariedade vicinal. Em torno dela passou a girar a vida social da comunidade, organizaram festa de santo, construíram praças, espaços para jogos, a escola , o cemitério, entre outros[15].

Outro papel desempenhado pelo sistema de capelas foi a socialização do saber, isto é, os colonos trocavam experiências relacionadas à vida cotidiana. Como comenta SANTIM, "a capela era o centro da atração, seja do trabalho, seja do lazer pois a vida religiosa confundia-se com o trabalho e o lazer"[16].

A ausência de recursos materiais, fez com que os colonos organizassem maneiras para satisfazerem suas necessidades de lazer. Isto se deu sob forma de reuniões entre vizinhos e festas em capelas. As reuniões realizadas, próximo às capelas e aos domingos, iniciavam com jogos de baralho, bocha - pelos homens - conversas e "fofocas" - pelas mulheres. Tais reuniões, geralmente, culminavam com cantorias e

"frótoles" (histórias engraçadas).

O "filó" era um encontro habitual entre vários vizinhos. Acontecia no ambiente familiar ao entadecer, era realizado principalmente nas temporadas de trabalhos artesanais (meses de junho, julho). A comida, bebida, cantorias e jogos eram acompanhados pela confecção de tranças para chapéus, confecção de bolsas, cestos e chinelos. Os homens auxiliavam nos trabalhos artesanais e jogavam baralho, as mulheres dividiam-se entre a cozinha preparando os comes, e o artesanato. O "filó" arrolava-se noite adentro.

Nesses encontros de confraternização entre famílias cultuavam-se a música, a poesia, o humor e a troca de experiências. Normalmente havia grande amizade entre grupos de vizinhos, isto manifestava-se também nos empréstimos mútuos de objetos, nos mutirões, nas prestações de auxílio, na troca de alimentos e frutas.

O número de festas realizadas nas capelas, habitualmente, eram em torno de 6 a 8 por ano, onde homenageavam a data de aniversário do padroeiro. As famílias responsáveis pela capela é que organizavam e enfeitavam o local, preparavam a comida e a bebida. As festas geralmente iniciavam pela manhã e encerravam ao entadecer.

Nestas confraternizações comunitárias de intensa socialização do saber, dos frutos do trabalho, da cultura, fazia com que a comunidade se tornasse um prolongamento da família. Por outro lado, exercia vigilância na conduta dos membros, como forma de preservar os valores cultivados pelos colonos. Assim como descreve DEBONI e COSTA, o namoro dos jovens estava sob forte controle familiar e social:

> "A vida afetiva estava sob rígidas censura familiar e religiosas, razões porque manifestações afetivas de bei-

> jos, abraços e proximidade física só tinham lugar após o noivado. Para namorar, os jovens precisavam da licença de seus pais. Os jovens para namorar na casa da pretendida futura companheira, deviam primeiro, pedir licença a seus pais e combinar os horários de namoro, bem como comprometer-se a respeitar as exigências impostas principalmente pela mãe da jovem"[17].

Esse controle também se estendia aos bailes, que em parte era fomentado pela própria Igreja. Os bailes eram vistos como geradores do pecado e estimuladores da má conduta. Como relata o contemporâneo BUZANELO, na região colonial,

> "Nunca se dançou e não se sabe dançar (...) Até hoje existe uma verdadeira ogeriza no coração do povo, "sem exceção", contra bailes, por serem acertadamente julgados como a maneira mais adequada para despertar, atiçar e fazer incendiar um instinto sexual fora de hora e por em perigo grave o controle das paixões mais violentas"[18].

Havia certa rigidez na conduta dos moradores. A própria comunidade encarregava-se de "vigiar" as normas, valores, hábitos e crenças vividos e valorizados pelos colonos. Todavia, a expansão do capitalismo que atingiu também o meio rural através da modernização da agricultura e do aumento da subordinação do camponês ao capital, processou alterações significativas nas bases tecnológicas, nas relações sociais de produção , na forma de organização social (grupos familiares, grupos de vizinhança) dos camponeses.

Os costumes e os valores da comunidade, bem como, a própria vida dos camponeses também passaram por profundas alterações. Muitas das atividades anteriormente cultivadas tornam-se vestígios do passa-

do, como exemplo os "filós", as festas e as visitas frequentes nas casas dos vizinhos e parentes. O interesse maior na produção, consequente da expansão capitalista, passou a fomentar o individualismo. Hoje, a grande maioria dos camponeses, praticamente, estão restringindo-se, na maior parte do "tempo disponível", às próprias residências, em companhia dos meios de comunicação (rádio e televisão).

Contudo, muitas crenças, costumes e valores, ainda permanecem tecidas no cotidiano da comunidade, e outras, rememoradas pelos mais idosos, como poderá ser percebido no decorrer do texto.

## 4. "AGORA TA TUDO MUDADO" (Período de 1940 até atualidade).

A industrialização do país processou também a modernização da agricultura, com a inclusão de novas máquinas e insumos modernos próprios de paises desenvolvidos. Progressivamente, os colonos foram subsituindo os instrumentos de trabalhos rudimentares, construídos por eles mesmos, e passaram a adotar máquinas e implementos agrícolas, inseticidas, adubos, sementes selecionadas, entre outros.

Estas novas técnicas diminuiram o esforço físico do colono, possibilitaram incorporações de maiores quantidades de terra, consequentemente, aumentou a produção e a produtividade. Por outro lado, estas técnicas não propiciaram maior tempo de lazer às famílias camponesas, ao contrário, ampliaram a expropriação econômica, obrigando-os

a uma jornado de trabalho mais extensa.

Conforme os relatos, as camponesas expressam simultâneamente: redução de esforço físico nos trabalhos da roça e da casa comparando-os à antigamente, como também, maior dificuldade financeira para aquisição dos produtos no mercado:

> "Agora é tudo tom diferente, agora tem máquina, ajuda bastante. Antigamente nom tinha condições, era tudo a mon. Achava a vida do home sacrificada e da gente também. Tinha que buscá água, lavá ropa no rio, agora tem tudo em casa. Como melhorô !"
>
> "Agora me parece tá tudo mais difícil, mais trabalho e nom se tem nada. Vai no mercado comprá as coisas, cada dia um preço. Tá tudo mais difícil né".

Todavia, as novas tecnologias introduzidas não são apenas instrumentos, devem ser entendidas também enquanto processo social e, por isso, estão inseridas dentro dos contextos das relações sociais que definem a estrutura social de produção. Neste sentido, as novas tecnologias são portadoras de novas relações sociais que, numa sociedade de classe, tendem a ser um mecanismo de transferência e apropriação da riqueza socialmente produzida. Como analisa PINTO, a tecnologia atua "como ponta de lança" na encadeamento do ciclo de subordinação do campesinato ao capital[19].

As novas tecnologias incorporadas na produção agrícola do camponês e a crescente monetarização da sociedade induziram a uma ampliação do grau de subordinação do camponeses ao capital, financeiro, comercial e industrial. Embora o camponês preserve autonomia formal e trabalhe para si mesmo, passou a ser dependente do capital. Por um lado, o capital industrial que fornece máquinas e insumos modernos passou a determinar o preço de seus produtos, de maneira geral, eleva-

dos. De outro, o capital comercial também concorreu para fixar preços e prazos dos produtos agrícolas dos camponeses, muitas vezes, até abaixo da tabela do governo. Quando recorrem a empréstimos bancários para adquirirem os meios necessários a produção, as taxas de juros são elevadas, processando-se mais uma vez extração do sobretrabalho camponês. Como salienta TAVARES,"(...)na mesma medida em que o capital financeiro assegura a reposição dos meios de trabalho de cada ciclo agrícola, está abrindo o caminho para uma das formas de apropriação do sobretrabalho camponês pelo capital industrial"[20].

Neste contexto, esses camponeses estão submetidos à trocas excessivamente desiguais frente ao mercado, tendo em vista tanto a pressão de comerciantes em manter baixo os preços pagos aos seus produtos, quanto a alta de preços dos meios necessários a agricultura e a reprodução familiar.

A expansão das relações capitalistas no campo impôs maior circulação de mercadorias, isto é, a ligação dos camponeses ao capital financeiro-industrial intesificou a produção e consumo de mercadorias. Segundo MARX, um dos mecanismos de dominação capitalista consiste precisamente em operar "a transformação de toda a produção de mercadorias para a produção do mercado. Ele faz com que a venda se torne interesse principal"[21].

Desta forma, os camponeses de Vale Vêneto deixaram de ter o conhecimento geral sobre as diversas culturas agrícolas, comparando-se a propriedade orientada à policultura de décadas atrás. Passaram a ter um conhecimento especializado num determinado tipo de cultura destinada ao comércio. Cada família passou a se especializar em determinados produtos de acordo com as características da sua propriedade, seus in-

teresses e do comércio. Há famílias que se especializaram na produção de: soja, milho, arroz, hortaliças, leite, aves poedeiras e de corte, entre outros. Essa produção comercializável garante o suplemento monetário necessário a reprodução biológica e social desses moradores[22]. Com a renda adquirem outros bens não produzidos diretamente pela propriedade, como exemplo: erva-mate, sal, açúcar, farinha, café, roupas e também os meios de trabalhos necessários ao ciclo produtivo.

Observa-se que no interior das propriedades há uma tendência à monocultura, pois os camponeses ao assumirem compromissos com o mercado, tendem a destinar maior tempo de trabalho aos produtos ligados à comercilazação. Consequentemente, a "roça" de subsistência passa a ocupar menor tempo de dedicação e menor área de terra. Mesmo assim, a roça de subsistência é considerada de suma importância para a família. É básicamente dela que os componeses extraem sua alimentação. O excedente desta produção de subsistência é comercializada como estratégia de complementação da renda familiar, conforme realato:.

> "Sempre gostei de plantá na roça assim, cebola, alho, milho,feijon, mandioca também. A gente nunca compremo essas coisas assim. Sempre a gente tem de sobra".

A horta, geralmente situada nas proximidades da residência, é um dos complementos de grande importância à dieta alimentar destes camponeses. Aproveitam a sozonalidade do ano, cultivando os mais diversos tipos de saladas, legumes, temperos verdes. O cuidado desta atividade é realizado praticamente na sua totalidade pelas camponesas nos intervalos de tempo entre as tarefas da casa e da roça. O pomar rico em várias espécies de frutas, contribuem também para a dieta e fornecem matéria prima para a indústria caseira:

> "Sempre faço um doçinho das frutas que têm. Se nom alcanço fazê durante o dia, fico de noite fazendo".

A criação de animais domésticos é outro componente de reproducao da pequena unidade camponesa. Destinam-se a complementar a dieta através do consumo da carne, ovos, leite e seus derivados:

> "Tiro leite faz 40 anos e a gente nom tinha muita vaca, má dava pra fazê queijo. Sempre tivemo leite, queijo, banha (...) má tem que trabaiá, se acordá de manhã, tirá leite, tratá da criaçom".

Entre as atividades de subsistência, encontra-se, também, a produção artesanal. Configura-se através da elaboração de trança para chapéus, cestos, costura, bordados, tear, tricô, crochê, massas, bolachas, sabão caseiro. Tem-se observado significativa redução na produção destas atividades artesanais, se comparadas as décadas anteriores. São atividades realizadas somente no período que os camponeses consideram "TEMPO PERDIDO"[23].

## 4.1. "AQUI TODOS TRABALHA E SE AJUDA"

O processo de trabalho destes camponeses está intimamente ligado a forma de organização familiar. Em cada unidade doméstica, há participação de todos os integrantes da família, cada um desempenhando

um papel útil, de acordo com o momento e as exigências do ciclo produtivo:

> "Todo trabalho tem seu valor. Tudo é valorizado. Ficá sem fazê nada nom (...) A gente tem que fazê alguma coisa pra ganhá".

A jornada de trabalho resulta na combinação dos vários membros da família, assumindo caráter de trabalhador coletivo[24]. Consideração válida, como discute CALLEGARO, para "aqueles membros que permanecem na unidade produtiva, uma vez que a estrutura agrária condiciona a saída de parte da família na busca de outras alternativas, seja na própria agricultura ou no mercado de trabalho urbano"[25]. A crescente subordinação econômica das unidades produtivas camponesas e suas consequências decorrentes, tornaram impraticáveis a permanência dos filhos dos colonos na terra. Incidência maior se dá nas famílias numerosas, devido a impossibilidade de subdividir a propriedade: pelo seu tamanho reduzido, e pelo esgotamento do solo, cujo uso é intenso.

Com isto, a escola passou a ser percebida pelos colonos como o lugar onde os filhos adquirem conhecimentos necessários para o enfrentamento de novas relações sociais. A escola extrapolou as finalidades de ler, escrever e contar, passando a ser objetivo comum à todas as famílias dar estudos de nível médio e superior a seus filhos, como forma de evitar que passassem pelos mesmos sofrimentos e privações suportada por eles na vida rural[26], conforme depoimento:

> "A melhor coisa para mim é ver meus filhos todos bem estudado. Ter uma coisa melhor que eu nom tive ... e que nom passe oque eu passei".

Dentre os jovens, as mulheres são mais susceptíveis à migração, em função do não reconhecimento, até então, da profissão de trabalhadora rural[27]. A ela , ainda não são concedido garantias de previdência e assistência social. Assim como, a persistência dos códigos éticos das famílias italianas, que não dão terra como herança à mulher, caso na família haja filhos homens, também dificulta a possibilidade das camponesas permanecerem no meio rural.

É comum entre os relatos das camponesas, referirem-se sobre a saída dos filhos à cidade, onde trabalham ou estudam, e de seu retorno aos finais de semana:

> "Tô eu meu marido sozinho, meus filhos tom tudo na cidade, má de fim de semana vêm sempre".

É importante salientar que as famílias de Vale Vêneto, de modo geral, deixaram de ser extensa e passaram a ser nucleares, isto é, formada pelo casal e filhos[28].

## 4.2. "TUDO É TRABALHO MA É DIFERENTE UM TRABALHO DO OTRO, CADA UM SABE O SEO"

No interior das famílias estrutura-se uma nítida divisão do trabalho por sexo e idade, determinando "o lugar dos indivíduos no processo de trabalho, na organização da família e na relação de poder

de uns sobre os outros"[29]. Tal forma de se organizarem não se distancia do período explicitado anteriormente(1870 à 1940). As crianças são inseridas desde cedo no processo de trabalho para adquirirem os valores necessários como forma de integrarem-se a sociedade em que vivem. A esses são designados trabalhos associados diretamentes às atividades de manutenção cotidiana da propriedade: carregar lenha, dar água aos animais, ordenhar. E no caso das meninas, também, cuidar dos irmãos menores da casa. Conforme relato de uma camponesa:

> "Agora dá pra lidá mais na roça porque as crianças tom de férias. Entom fazem um trabalinho e otro. Agora a mais velha já me ajuda um pouco e cuida dos mais novo, se nom tinha que levá junto".

O homem, chefe da família, é a autoridade maior na unidade de produção camponesa. A ele cabe a direção do processo do trabalho, compra e venda de mercadorias, contato com os bancos, e sobretudo o provedor da alimentação e da renda familiar:

> "O trabalho do home som sempre mais na lavora, assim, fora de casa".

A participação da mulher está basicamente voltada a produção de subsistência da família. E de sua responsabilidade os trabalhos do lar, o cuidado do filhos, dos animais domésticos, da horta, a confecção de roupas, o artesanato doméstico, estendendo-se também às atividades da lavoura, principalmente nas fases de maior necessidade como plantio e colheita dos produtos agrícolas.

Percebe-se através da fala das camponesas uma rotina contínua caracterizada pela dupla jornada de trabalho:

"Meu dia-a-dia é sempre um core core. A gente levanta de manhã cedo e já começa fazê uma coisa e otra, dá leite pras crianças, depois vai atrás das vaca e da criaçom... Faz ligeiro em casa e leva o café na roça e fica na roça até 11 horas, depois volta pra casa prepara o almoço, faz a lida da casa e volta pra roça, larga o serviço da roça mais ou menos no descer do sol. Chega em casa o serviço da casa de novo. Quando ajeita tudo já é 10 horas da noite".

Apesar de muitas camponesas, principalmente as moradoras do centro da comunidade, não estarem mais voltadas aos trabalhos da lavoura e sim ao comércio, à escola ... também estão submetidas cotidianamente a dupla jornada de trabalho:

"Trabalho no colégio... como merendeira. Trabalho quatro horas de manhã e quatro horas de tarde e daí depois é a casa e a família".

Esta jornada de trabalho se estende durante todos os dias da semana. O sábado é destinado às tarefas da casa e confecção de massas, doces, pães para o domingo e dias subsequentes:

"Sábado de manhã é lida da casa, do almoço e de tarde os preparativos pra domingo e pro otros dias. Faço uma calda, um bolo, pom e assim por diante".

É tradição na comunidade reservar o sábado a noite para participar da celebração religiosa na Igreja ou, no domingo pela manhã. O domingo destinam para o descanso, visitas, embora não isentas das tarefas domésticas:

"No sábado ... a gente vai pra missa, fica um pouco lá ... no domingo nom tem muito serviço, se descansa um poco. Recebo visita, as vez tem um doente se vai visitá... Depois sempre em casa. Má sempre, sempre tem gente ... um filho, um parente".

Quando algumas atividades agrícolas como plantio e colheita necessitam ser aceleradas, trabalham até mesmo nesses dias:

> "...tem sábados que é mais que um dia da semana. Já mais de uma vez tive que fazê pom no domingo prá pode no sábado dá uma mon na roça, principalmente na época da colheita de feijon, época de mais trabalho... mesmo o domingo é pesado, talvez um pouco menos porque a gente nom faz o serviço da roça, no mais às vezes lavo a ropa pra tê um poquinho mais de tempo e í na roça. As vez se mata porco".

Evidencia-se em todos os relatos que a vida da camponesa é marcada pelo trabalho árduo e constante:

> "A lida nunca tem fim. Sempre tem o que fazê, termina um já começa otro, se sobra um poquinho é remendá, ou na máquina da costurá. Má nom é todo dia que sobra. Aqui pra fora é bastante difícil".

> "A nossa luta é da agricultura e a gricultura nom tem etapa. Se fosse ocupá só o tempo disponível pela agricultura, non tem folga. Se a gente qué tirá uma meia hora, uma hora é depois do almoço. E a tarde faz a janta mais cedo e enton assiste o noticiário e alí é aquela meia, uma hora".

As novas tecnologias e todos os conceitos e valores que acompanham, ao mesmo tempo que trouxeram facilidades para vida dos camponeses, passaram a extrair o sobretrabalho dos mesmos, isto é, a camponês e sua família precisam trabalhar mais para adquirirem o indispensável para viverem. Tudo que produzem está orientado aos bens de uso necessários à sobrevivência dos membros da família e dos meios de trabalho utilizados na propriedade. Isto porque, o trabalho, mesmo excessivo não possibilita acúmulo de capital que garanta tranquilidade.

.

## 5. AS RELAÇOES DE TRABALHO

Para MARX, o trabalho "(...) é uma condição de existência humana (...), é uma necessidade natural eterna que media o metabolismo entre homem e natureza e, portanto, a própria vida humana"[30].

Nas sociedades tradicionais, exemplificadas na comunidade de Vale Vêneto no período anterior à modernização tecnológica, os indivíduos interagiam entre si e com o meio, havendo um processo simbiótico entre trabalho/conhecimento, trabalho/produto e trabalho/prazer. Havia total envolvimento do trabalhador com a produção.

Na sociedade moderna com a expansão das relações sociais de produção capitalista, o conhecimento passa a residir fora do trabalhador; este passa a ser uma das peças que compõe a máquina na corrida desenfreada pela produção, pelo lucro. Tende a uma constante polarização dos meios de produção; uma minoria detentora e a grande maioria expropriada. Aos expropriado, resta vender o seu único bem, a força de trabalho, em troca de salário como forma de sobrevivência. O trabalhador passa a atender as necessidades do sistema e não as suas próprias.

Este fato não se consolidou em todos os âmbitos das relações de produção. No processo de trabalho em questão, o do camponês, tanto na agricultura quanto na indústria doméstica, há semelhança com o trabalho do pequeno artesão[31] . O trabalhador interage com a natureza, embora as transformações ocorridas através da mecanização da agricultura tenha ampliado a expropriação econômica e do conhecimento do camponês.

O camponês tem certa capacidade de decidir e dirigir o seu trabalho, bem como visualizar o produto. Isto ocorre porque os camponeses são proprietários dos meios de produção (terra, ferramentas, maquinário agrícola...), e utilizam como base a força de trabalho familiar. Trabalham para si, com seus próprios meios, para satisfazerem seus interesses e necessidades, isto é, o trabalho do camponês está orientado à produção de bens de uso necessários à sua reprodução biológica e social[32]. É com base nestes elementos que repousa a autonomia, a estabilidade social e fundamenta a reprodução da situação social do camponês[33], conforme depoimento:

> "Aqui todo dia é uma funçom, o café, tirá leite... a manhã intera trabalhando, e vai, e vai. Só que a gente aqui é dona, né, se tu qué discansá tu discansa também, como tu nom é empregada, né... E vai sempre lidando."

Portanto, a condição de sobrevivência das famílias camponesas se dá pelo trabalho, através dele plantam e colhem os próprios alimentos, vendendo o excedente. O trabalho é o "meio de ganhar a vida através da troca do produto da própria atividade", não é "(...) uma mercadoria a ser trocada mas é força produtiva de mercadorias a serem vendidas no mercado"[34]. Sendo assim:

"Aqui se trabalha, se pensa no trabalho prá se tê alguma coisa."

"O trabalho é uma necessidade, né. A gente faz tudo prá ganhá alguma coisa, prá ajudá na família,né... faço bastante pom e bastante cuca prá vendê."

Não há separação do trabalho da pessoa do trabalhador. Ele acompanha todo processo de criação, venda ou consumo do produto, desencadeado pelo próprio esforço físico. Daí também a valoração atribuída pelos camponeses à propriedade da terra. Como nos diz MARTINS, para o camponês,

> "A propriedade familiar não é propriedade de quem explora o trabalho de outrem, é propriedade direta dos instrumentos de trabalho, por parte de quem trabalha. Não é capitalista, é propriedade do trabalhador. Seus resultados sociais são completamente distintos, porque neste caso a produção e reprodução das condições de vida dos trabalhadores não é regulada pela necessidade do lucro do capital no sentido capitalista da palavra"[35].

Concomitantemente a valorização da terra enquanto instrumento fundamental na produção, no interior da unidade familiar camponesa há uma valorização cultural positiva do trabalho. Como afirma PINTO, " o trabalho material constitui um valor central tanto na economia quanto na cultura camponesa"[36]. Como também, é a principal fonte de socialização dos indivíduos. Tal comportamento é acentuado nos descendentes de imigrantes italianos, educados sob a visão do "ORA ET LABORA", conforme relatos:

"Me realizo com o trabalho, além de sê um meio de se vivê né"

"Nom sei como é que eu desde criança eu nom me sinto bem se nom tô trabalhando. Até aqui eles me dizem que a pessoa tem necessidade de descansá, má eu me sinto tom bem trabalhando, que se eu nom tô fazendo alguma coisa, eu me sinto mal."

"É cansativo má eu gosto. O trabalho me distrai, é uma coisa assim sabe que me faz vivê. E sabe todo mundo tem que tê um trabalho que goste de fazê. Eu gosto de fazê comida, de trabalhá em casa, cuidá das coisa sabe."

Muitas vezes a percepção da camponesa sobre o próprio trabalho é de algo não prazeiroso, contínuo, árduo, obrigatório e pouco compensador devido à grande expropriação:

"A lida nunca tem fim. Sempre tem o que fazê termino um já começo otro, se sobra um poquinho é remendá ou na máquina de costurá. Má nom é todo dia que sobra. Aqui prá fora é bastante difícil, a gente também sofre porque se vive assim sempre trabalhando."

Uma outra camponesa evidencia:

"Cansa também né. Má a gente tem que gostá. Gosta ou nom a gente tem que fazê, é teu. Nom tem como mudá né."

Por outro lado, o trabalho também é percebido pelas camponesas enquanto atividade prazeirosa:

"O trabalho é uma alegria, o trabalho feito com amor nãu é sacrifício, é uma alegria que a gente faz. O trabalho torna pesado quando a gente faz de má vontade, entom que o trabalho fica pesado, má aquele que a gente faz com alegria, com gosto, nom é pesado. Eu prá mim no trabalho eu sempre gostei de plantá (...). A minha maior felicidade é plantá a semente na terra, completá a obra que Deus tinha feito."

Através dos depoimentos, pode-se perceber que a visão que as camponesas tem sobre o seu próprio trabalho apresenta-se ambígua, contraditória; algumas vezes aparece como atividade

prazeirosa, outras, como imposição e necessidade. Como salienta TAVARES:

> "A metamorfose do trabalho, de necessidade de ganhar a vida em atividade de gosto e prazer, expressa a reinterpretação feita pelo camponês da ética do trabalho. Como ninguém, pessoal e diretamente, o obriga a trabalhar, a não ser as obrigações estruturais do capitalismo que o subordinam, mas que por isto mesmo funcionam "às suas custas", a subjetivação da consciência necessária passa por suas condições específicas de existência: redefine o trabalho a que está objetivamente constrangido como uma atividade que subjetivamente é fonte de gosto e prazer"[37].

Percebe-se que a lógica da sociedade industrial tenta atingir os camponeses de forma a incentivar o desenvolvimento apenas do aspecto produtivo e negar e controlar as práticas prazeirosas[38]. Muito embora o camponês ainda conserve certa autonomia na condução do seu trabalho, uma vez que ainda é proprietário dos meios de produção, está cercado pelas imposições do sistema capitalista de produção. Vê-se, pelo cotidiano de trabalho das mulheres da comunidade de Vale Vêneto, marcada pela extensa jornada:

> "Às vezes eu canso, eu acho que é um excesso de trabalho que a gente tem, excesso de horas de trabalho, agora eu gosto do trabalho que eu faço. Agora eu gostaria de ter mais liberdade, mais horas de folga. A gente levanta cedo e vai até a noite adentro".

Todavia, o problema não reside na tecnologia propriamente dita, pois, segundo MARCUSE:

> "A racionalização e a mecanização tendem a reduzir o quantum de energia instintiva canalizada para o labuta (trabalho alienado), assim libertando energia para a consecução de objetivos fixados pelo livre jogo das faculdades individuais. A tecnologia atua contra a utilização repressiva da energia, na medida em que reduz ao mínimo o tempo necessário para a produção das necessidades situadas além do domínio da necessidade e do supérfluo necessário"[39].

Entretanto, são as classes dominantes que utilizam-na para subjugar e controlar o trabalho do camponês, impondo ritmo mais acelerado no ato de plantar, colher e vender. ARROYO coloca que:

> "A opção pedagógica da burguesia foi pelo trabalho como elemento disciplinador, filiando-se, por aí, à velha concepção cultural, de origem religiosa, segundo o qual o trabalho é um castigo ascético para a disciplinação dos corpos e para o controle dos sentidos, das paixões e dos vícios. O ascetismo da vida monacal não se esqueceu do trabalho como um dos componentes do ethos ascético. Nesta tradição o trabalho não era visto como um processo de dominação da natureza, mas de dominação da natureza humana, do homem instintivo"[40].

O trabalho como "elemento disciplinador" a serviço da lógica dominante, desapropria os indivíduos das suas próprias necessidades, instrumentalizando-os dóceis e servis, para atender as necessidades do capital. A produção de mercadoria passa a ser o objeto primordial exigido pelo capital.

O trabalho passa a não corresponder uma necessidade de satisfação humana, que corrobora para tornar os indivíduos sujeitos,

conhecedores de si mesmos e da realidade que os cerca.

O controle do tempo, e a consequente redução do tempo livre, bem como, a espoliação pelo trabalho, são mecanismos de reprodução da sociedade capitalista, que atingiram também o meio rural brasileiro. Na comunidade de Vale Vêneto este controle fez-se sentir, também, pelo empobrecimento da vida social como um todo. Como analisa MARIN,

> "Na medida em que o camponês teve que incrementar mais tempo de trabalho na agricultura, houve alterações na vida comunitária. Envolvido com a intensificação da produção familiar, o camponês passa a maior parte do tempo trabalhando na sua propriedade. Houve aumento do individualismo, tornando difícil o desenvolvimento dos processos sistemáticos de organização e conscientização de sua condição de existência na sociedade"[41].

Estes processos de controle tendem a alterar a visão de mundo própria dos camponeses, a descaracterizar a sabedoria popular, as formas de solidariedade vicinal, as formas de organizar o lazer, a maneira de pensar, sentir e comunicar, estimulando à homogeinização cultural.

A imposição da cultura dominante nas comunidades rurais, através de diversos meios utilizados pelo Estado, como escola, Serviços de Extensão Rural e meios de comunicação, veiculam valores urbano-industriais, impondo, sutil e prolongadamente, aos camponêses um outro modo de vida, urbanizante, negador da cultura camponesa. Como salienta DEMO, uma das maneiras mais avassaladoras da invasão da cultura rural,

> "é certamente a penetração dos meios de comunicação, que trazem para dentro do ambiente rural todos os valores da vida urbana, arrasando com a riqueza diferencial de cada região. Com isso compele-se a comunidade rural a imitar os padrões de consumo, de modo, de hábitos, etc., do habitante da cidade. Em hipótese alguma considera-se os meios de comunicação como algo indesejável ou pernicioso. Muito pelo contrário. Mas é preciso entender que eles são um instrumento de homogeneização cultural muitas vezes deletério, porque destroem as peculiaridades locais e colocam em seu lugar uma cultura medíocre e importada"[42].

A EMATER[43], instituição estatal, que desenvolve projetos de educação de Extensão Rural, direcionados também à mulher, tende a estimular o individualismo, a competição e a reforçar os papéis femininos[44].

A preocupação da extensão rural na educação da mulher, limita-se a cursos esporádicos sobre receitas caseiras,aproveitamento de frutas e legumes na indústria caseira, tricô, crochê, arranjos ornamentais. Já houve também palestras sobre saúde pública, métodos anticonceptivos, etc., às camponesas da comunidade. O relato de uma das camponesas mais jovens referiu crítica à estas palestras:

> "Tem pessoas que vem aqui e falam, falam descontextualizadamente, coisas fora da realidade de Vale Vêneto."

Metodológicamente estas práticas tendem a reforçar as concepções machistas existentes no meio rural, uma vez que buscam formar uma dona de casa prendada e não uma trabalhadora rural consciente de seus papéis na sociedade. Ao ministrar receitas, moldes

de costuras, objetiva verificar quem elabora melhor, resultando em competições, intrigas e desunião entre as mulheres.

A invasão de valores externos torna-se um elemento de individualização, servindo como entrave nos processos de organização social. As relações sociais estão restringindo-se a conversas e encontros dentro do âmbito familiar, na maioria das vezes em companhia do rádio ou televisão[45].

Contudo, compartilha-se com BOSI, de que "a adoção de novas tendências não pode alterar completamente o tecido das relações concretas de que é feito o cotidiano"[46].

Se o camponês, enquanto categoria, tem se constituido histórico e socialmente um dos grupos subordinados, à mercê do sistema econômico e político, a mulher camponesa tem sido ainda mais marginalizada, não sendo concedidos a ela, os parcos benefícios já concedidos aos trabalhadores rurais.

## 5.1. " EU NON ME SINTO FELIZ SE NON TO TRABALHANDO"

Como salientamos anteriormente, no ítem 4.2, a família rural de Vale Vêneto baseia-se na relação patriarcal, e portanto, na divisão sexual das funções exercidas no processo de produção da pequena propriedade.

Este é um processo que inicia-se desde a infância através da diferenciação entre os sexos, quando homem e mulher, distintamente, são educados a adquirir habilidade e destrezas específicas, determinadas pelos estereótipos sociais. Nesta fase se inicia, e por mais um ciclo se consolida, a submissão da mulher ao homem e a obrigação com os trabalhos domésticos.

Como foi visto anteriormente, é responsabilidade da mulher o conjunto de trabalhos domésticos, o cuidado dos filhos e, devido à grande expropriação econômica que tem atingido os camponeses, também a roça.

A camponesa, ao conciliar as atividades domésticas com o trabalho produtivo, assume uma extensa jornada de trabalho. A preparação dos alimentos, o cuidado da casa, do pomar, da horta, dos animais domésticos, são atividades realizadas diariamente, mesmo no período em que os trabalhos agrícolas se intensificam, exigindo um maior número de horas de dedicação. O dia da camponesa configura-se na dupla jornada de trabalho.

Pode-se considerar, ainda, que a época da vida que a camponesa mais trabalha é quando os filhos são pequenos. Além da necessidade de dar atendimento constante às crianças, precisam dar conta das atividades domésticas e "auxiliar" nos trabalhos da roça:

> "Anos atrás foi bastante dura a minha vida, as vez nem dava conta de tudo...tinha bastante criança, nom tinha empregada, ninguém que me ajudasse. Má assim mesmo, nunca deixei de trabalhá, prá ganhá alguma coisa."

A solução que se impõe à camponesa, nestes períodos da sua vida, é carregar os filhos para a roça desde pequeninos, forma onde

também se dá a socialização da criança pelo trabalho:

> "Quando os dia som pequeno tem que levá junto. Entom levo um pelego e boto no chom, assim deitado na sombra. Entom fico trabalhando ali perto."

A mulher é encarregada da totalidade das atividades relacionadas ao consumo familiar, enquanto o homem o é de todos os serviços mais pesados da roça, destinados à comercialização. Desta forma, o trabalho da mulher na pequena propriedade corresponde à produção de valor de uso, enquanto que o do homem corresponde à produção do valor de troca.

Sob a ótica do modo de produção capitalista, o trabalho para ser produtivo deve estar ligado à produção de mercadoria. Por consequência, a produção doméstica, responsável pela produção de valores de uso de consumo familiar, está excluída das teorias econômicas capitalistas. O trabalho doméstico não gera valor, por isso é considerado improdutivo. Como é possível considerá-lo improdutivo se as relações de trabalho capitalistas, dependem do trabalho doméstico no que tange à reprodução e oferta da força de trabalho ? Não será uma das faces do autoritarismo do capital configurada na relação de poder do homem produtivo sobre a mulher improdutiva ? **ENGELS**, analisando as relações de poder, salienta: "na família, o homem é o burguês e a mulher o proletário"[47].

Esta atividade repetitiva, rotineira, e, na própria expressão das entrevistadas, "enjoativa", desempenhada pela camponesa no ambiente doméstico, torna-se invisível, não valorizada, ocultando a sua participação da população economicamente ativa.

Por outo lado, também o trabalho desempenhado pela mulher nas atividades agrícolas, até então, têm sido subestimado e considerado "ajuda" ao chefe do domicílio, mesmo como referem-se BRUMER e FREIRE : "quando trabalha na lavoura, capinando, semeando ou colhendo, muitas vezes par a par com o homem"[48]. Como a lavoura é considerada atribuição da esfera masculina, o trabalho efetuado pela camponesa nesta esfera, aparece como auxílio ao homem[49].

Pode-se perceber através dos relatos, que a própria camponesa encara o trabalho da lavoura como "ajuda":

> "Nessas propriedade assim, terra de dificuldade,né, de muito trabalho, nem dá pra deixá só pra ele sozinho, tem que ajudá senom passa fome, né."

Para a camponesa o homem é aquele que detém a força, o poder e sustenta a família:

> "O home tem muito mais força no trabalho.O trabalho dele é muito mais feito com capacidade, som sempre mais na lavoura, assim fora de casa. O home é muito mais forte que a mulher (...) é natural do home buscá o alimento pra família e não ficá fazê limpeza... pelo que ensinô minha mãe o home tem que vê os trabalho da lavora, os animal, cuidá daquilo."

BRUMER e FREIRE, no estudo sobre o trabalho da mulher na pequena propriedade agrícola salientam que, embora as camponesas "não sejam responsáveis pela produção de valores de troca, estas mulheres são co-responsáveis, juntamente com os homens, pela manutenção da família, participando tanto da produção de valores de uso quanto da produção de valores de troca"[50].

Muito embora a camponesa execute tarefas "imprescindíveis para a sobrevivência da família, por seu caráter rotineiro ou meramente subsidiário, ele pouco aparece"[51]. O trabalho "auxiliar" ao marido, exercido pela camponesa é considerado por ela momentos de descanso e maior liberdade:

> "Eu às vez me canso mais na tarefa da casa do que nas da roça. Eu das vez escapo e dexo o que tem em casa prá fazê, porque pelo menos na roça é mais tranquilo, se faz só aquele serviço. Em vez em casa tem que largá um pela metade prá fazê otro, é sempre assim. Na roça é só capiná, só plantá, pelo menos é mais sossegado, faz hoje, senom pode, faz amanhã, em vez os da casa nom, tem que fazê todo dia. A roça pelo menos descansa a cabeça da gente".

Em contrapartida, o trabalho doméstico é sentido pela própria camponesa como repetitivo, cansativo e sem atrativos:

> "E poca coisa má é todo dia, de manhã, de meio dia, de noite. E às vezes até as mesmas coisas, ás vezes até enjoa de fazê essas coisa."

Muitos dos contatos mantidos com as camponesas, na realização das entrevistas, tornaram-se momentos de desabafo com respeito à sua rotina de submissão e desvalorização a que são submetidas pelo próprio marido:

> "A gente faz tudo que é serviço em casa, depois vai prá roça, acompanha ele, e ele senta quando chega em casa, a gente continua. Ás vez reclama da fome, quando a janta nom tá pronta. Numa parte deixam a gente meio invocada, porque tô trabalhando junto, tô correndo e lutando junto, e depois um continuá e outro ficá ali esperando... Nom tá muito certo".

As mulheres relatam que "antigamente", período de 1870 à 1940, descrito anteriormente, o sofrimento e as exigências exercidas

pelos maridos eram mais rígidas e acentuadas. Afirmam ter ocorrido mudanças no interior das relações familiares, contudo atestam a existência do machismo:

> "A mulher é sacrificada nas tarefa e nom é tom valorizada quanto o homem. O trabalho dele também é duro, má ainda existe o machismo que acha o trabalho da mulher é sobremesa."

Uma outra Camponesa:

> "Eles deveriam sabê de valorizá. Porque...lavá ropa nom é serviço, cuidá da casa nom é serviço, cuidá da horta nom é serviço. Talvez é um pouquinho mais leve porque é na sombra... nom se pega sol forte, má eu as vez me canso mais nas tarefa da casa, que nas tarefa da roça."

Na divisão sexual do trabalho, isto é, nas diferentes tarefas designadas para cada sexo, pode-se dizer que as mulheres assumem tarefas da esfera masculina, à exemplo, os trabalhos da lavoura, o oposto, contudo, não ocorre. O homem somente assume as tarefas chamadas femininas, em caso de afastamento ou de doença da mulher[52]. Assim fica evidente que a divisão sexual do trabalho, como coloca CALEGARO, "não limita-se à divisão decorrente do aspecto biológico mas atinge a divisão social onde a mulher tem uma jornada mais extensa que a do homem e até então, não era reconhecida como trabalhador rural, ficando ainda mais à margem dos parcos benefícios sociais concedidos aos trabalhadores rurais"[53].

Traçando-se um quadro comparativo entre os benefícios destinados às trabalhadoras rurais e entre trabalhadoras urbanas, percebe-se o quanto a camponesa é marginalizada dos benefícios previdenciários. A ela são negados os benefícios mais elementares

como: auxílio-natalidade, creche, salário-família, salário-maternidade, férias, aposentadoria por tempo de serviço, etc.[54]. À camponesa é concedido apenas a aposentadoria por velhice aos 65 anos de idade, pois a Constituição de 1988 que assegura a aposentadoria aos 55 anos de idade, ainda não foi implementada[55]. As desigualdades na concessão de benefícios são marcantes, e estão expressas no próprio meio rural, quando a legislação previdenciária rural privilegia o homem, "colocando-o quase como o único beneficiário do referido sistema, embora tanto ele quanto a sua família participem em pé de igualdade das mais variadas atividades agrícolas"[56]. A camponesa ainda é considerada dependente do marido, ou do pai, se solteira, negando-lhes portanto, os direitos trabalhistas, como acesso a financiamentos nos bancos, assistência técnica, voz ativa nos processos de decisões na pequena unidade produtiva, bem como nas unidades representativas como sindicatos e cooperativas.

Embora o papel da camponesa seja imprescindível na pequena unidade produtiva, executando todas as atividades de subsistência e participando das tarefas produtivas reconhecidas como masculinas, é o homem que intermedia a produção para comercializá-la, e assim é ele quem controla a dinâmica financeira.

A estratégia encontrada pela camponesa para complementar a renda familiar e ter assegurado, semanalmente, um dinheiro para si e aos filhos, tem sido a produção de artigos destinados à comercialização; entre eles estão: trabalhos em tricô, crochê, costura, confecção de schmier, queijos, cultivos de hortaliças e

frutas e em casos particulares confecção de "agnolini", massas, pães, cucas e doces caseiros. A pequena quantidade de produtos para venda, a dificuldade de acesso até a cidade, e também a dependência de execussão do restante dos trabalhos domésticos a mulher, impossibilidade sua ida à cidade para comercializá-los. A alternativa encontrada para trocá-lo, ou torná-lo renda, que persiste até os dias atuais, é o sistema de quitanda[57].

Esta alternativa encontrada pelas camponesas minimiza a necessidade de reconhecimento enquanto trabalhadora e produtora, apesar de serem atividades que, segundo FONSECA, "ironicamente (... ), prende-a mais do que nunca ao lar"[58].

A exposição destes trabalhos artesanais à comunidade tornou-se aspiração para algumas camponesas, como se verá posteriormente.

É importante salientar que a produção destes artigos são consideradas pelas camponesas, em sua maioria, atividades prazeirosas, onde sentem-se autoras reais da produção e do ganho financeiro, embora, na maioria das vezes, a renda tenha que ser utilizada nos gastos da própria família.

Neste sentido, há um sombreamento do trabalho empreendido na elaboração destes artigos, dissimulado como lazer. O trabalho percebido como prazer, resulta num ocultamento da extensão da jornada de trabalho da mulher camponesa.

Contudo, a grande apropriação do sobretrabalho camponês pelo capital, como visto anteriormente, tem forçado a redução da área de plantio e do tempo para confecção dos artigos comercializados pelas mulheres:

> "Antigamente eu era costureira, costurava para fora. Agora nom tenho mais tempo. É bom costurá se só tem aquilo, má se tem vaca, porco, horta...nom sobra tempo prá costurá. A gente só fica pensando nestas coisas. Bah! eu gostava de costurá !"

As famílias camponesas estão se privando de seu bem estar, de atividades agradáveis e de tempo de vivência ao lazer, para atender ao capital que exige renovados esforços para manter a reprodução da unidade produtiva nos mesmos padrões. As mulheres, que destinavam grande parte de seu tempo às atividades artesanais como o tear, bordar, tricotar, costurar, tornaram-se, como muito bem se referiu FONSECA, "uma coisa do passado, um vestígio das épocas mais estáveis"[59].

## 6. "E DIFICIL DE SE OCUPA DAS COISA PRA GENTE MESMO"

Feito uma retrospectiva dos valores e costumes vividos a décadas transcorridas na comunidade de Vale Vêneto, bem como, contextualizado a organização do trabalho nas unidades produtivas e especificado o "mundo do trabalho" da mulher camponesa, volta-se a outra dimensão interdependente: a do lazer. Fez-se necessário esta contextualização, pois entede-se como VALLE, que "(...) a compreensão do lazer não pode se dar desvinculada da realidade do trabalho que o gera"[60].

Para a compreensão da realidade do lazer da mulher camponesa encontrou-se alguns entraves: primeiro que o lazer, apesar de constituir uma necessidade humana, tem sido pouco valorizado, carregando inúmeros preconceitos, segundo, tratando-se da mulher camponesa, ainda constitui-se assunto pouco estudado e discutido nos meios acadêmicos, especialmente sob o enfoque do lazer. Para tal, a melhor forma encontrada para compreender a realidade do trabalho e do lazer das camponesas de Vale Vêneto, foi através da fala das mesmas.

Como se dá a participação das camponesas nas atividades reconhecidas como âmbito do lazer na comunidade ? Como é entendido pela camponesa a situação que está colocada a ela em relação às atividades de lazer? A quem atribuem a responsabilidade, no que tange as atividades de lazer na comunidade? O que é considerado como aspirações das camponesas no que tange ao lazer?

Penetrando-se no espaço cotidiano da camponesa, percebeu-se pela maioria dos depoimentos que os dias da semana são destinados ao trabalho. A total entrega às tarefas e a necessidade de realizá-las envolve a camponesa cedo do dia até noite adentro. Permite-se o descanso de meia ou uma hora após ter organizado o almoço e a limpeza da cozinha, horário em que geralmente assistem televisão ou aproveitam para deitar-se:

> "Folga, só quando não aguento mais, caso contrário é muito raro. Má é aquela coisa, só prá descansá, ficá com a cabeça livre nom !"

Os trabalhos que ocorrem durante a sua jornada, próximos à residência, são realizados com total audiência ao rádio:

"Com o rádio faço tudo, faço queijo, comida, lavo ropa..."

A televisão não é muito solicitada pelas camponesas, principalmente as mais idosas. Mencionam que, nos programas que gostariam de assistir, os jornais (mencionados pelas camponesas por "repórter"), estão envolvidas com a sua rotina. Contudo, a maioria das camponesas entrevistadas atribuem, características negativas a alguns programas veiculados pela televisão. O programa mencionado com rechaço são as novelas. Apontam ser "totalmente irreais", e para algumas camponesas mais idosas, causa revolta, face a agressão aos seus valores, conforme relato de uma delas:

"As novelas, se eu pudesse sabê onde estom, pegava uma vara ... aquilo estraga a família e a sociedade".

Vê-se que a existência de tempo liberado das atividades diárias, está na dependência da própria camponesa em proporcionar-se ou não, pois o trabalho é constante, dada a diversidade da produção que a mulher é responsável:

"No sábado eu diminuo por minha conta, má se não fosse por mim, sabe...é aquela funçom sempre."

A semana da camponesa apresenta-se, então, como uma sucessão de trabalhos sem horários fixos e definidos. Ela própria dá o ritmo na condução, envolvendo-se na maioria das vezes os dias inteiros. Embora trabalhe obstinadamente, não resulta em acúmulo de rendimentos. Que perspectiva tem estas camponesas para vivência do lazer, se a sua rotina impele ao trabalho?

Não existem atrativos específicos organizados na comunidade às camponesas. Elas criam suas próprias formas, na maioria das vezes em suas residências, conciliando os trabalhos diários, o cuidado dos filhos e dos animais domésticos, entre outros.

O trabalho tem sido compreendido pelas camponesas como impecilho para vivência do lazer. O total de trabalhos considerados femininos estão na sua dependência, mesmo nos finais de semana:

> "Seria importante a gente podê, porque ás vez tu tem diversom na porta de casa e nem pode í por causa do trabalho, né. A gente com os animais, com a cozinha...te prende,né. A mulher do campo é vítima disso."

O crescente processo de individualização que tem atingido as famílias rurais, tem alterado o modo de vivenciar o lazer, que freqüentemente vinha vinculados à vizinhança, à solidariedade grupal:

> "Sabe antigamente tinha tempo prá í visitá, hoje nom se tem mais tempo. A gente se apega nos trabalho e tu vê, nem mais os domingo a gente descansa, né."

Uma outra Camponesa:

> "Vô visitá, má se tem alguma coisa de fazê, se nom de saí, prá í lá conversá, nom."

A obstinação pelo cuprimento dos trabalhos da casa, pelo cuidado dos filhos, enfim, pelo cumprimento dos estereótipos femininos fundados na "mulher-mãe-trabalhadeira", fortemente introjetados no subjetivo da camponesa desde a mais tenra idade, influencia no comportamento, na medida em que privam-se de seu tempo de lazer para exercer estas funções:

> "O home é mais livre. Onde ele tem que saí ele sai, nem tá ligando. Agora a mulher nom, a mulher se

> tem um compromisso em casa ela non vai. Eu por exemplo se tenho alguma coisa prá fazê ou eu faço antes, ou eu dexo de saí. Se é necessário de precisom, sim entom eu vô, má se é prá distraçom, entom eu pego fico fazendo os afazeres da casa."

## 6.1. "AQUI E SO SABADO DEPOIS DA MISSA E DOMINGO A GENTE NAO SAI"

Segundo os depoimentos, é nos finais de semana que há um número maior de horas "disponíveis" onde as camponesas desenvolvem outras atividades além do trabalho:

> "Aqui prá fora nom é todos os dias, só fim de semana. Por exemplo sábado á noite a gente vai na missa e depois vai lá na sociedade, né. Lá tem jogos, a gente se distrai, a gente se senta, descansa..."

A congregação dos moradores da comunidade ocorre no sábado á noite, com a celebração religiosa. Após o ritual religioso os participantes dividem-se entre o clube SACE (Sociedade Agrícola cultural e Esportiva) e os espaços e bancos próximos a este. Os homens organizam-se nos vários jogos (bocha, baralho, futebol, ping-pong...), as mulheres sentam-se em turmas afins, onde conversam e dividem as alegrias e os desconfortos.

Há certa insatisfação nas falas das camponesas sobre as atividades desenvolvidas no clube onde a comunidade reúne-se, após

a celebração religiosa. Geralmente as atividades giram em torno de jogos liderados e assumidos pelos homens. Às camponesas resta assistir ou ficarem sentadas nos bancos dispostos do lado de fora. Algumas mulheres consideram sem atrativos ficar assistindo e retornam para casa logo após o encontro religioso, outras, devido ao cansaço da labuta, preferem o descanso do sono, outras, ainda, consideram a conversa entre as "comadres" uma forma de aliviar o cansaço da semana de trabalho:

> "Só o jogo de baralho funciona! Eu nom costumo í no jogo, só muitas vezes assisto o jogo de futebol prá fazê torcida..."

> "Quando a gente tá cansada, doente, então a gente vai na missa e volta em seguida."

> "...a gente fica um pedaço ali...prá mim parece uma grande coisa, a gente já passa umas hora diferente."

Os sábados à noite constituem-se então, no único espaço de encontro semanal dos membros da comunidade de Vale Vêneto, onde desenvolvem atividades coletivas. Aos domingos, não há algo organizado destinado ao lazer da camponesa na comunidade, como afirmam:

> "...é cada um que se vira por sí."

> "aqui só é sábado depois da missa e domingo a gente nom sai."

Geralmente passam o domingo na própria residência, envolvidas com tarefas pendentes, em companhia da visita dos filhos que retornam da cidade, de algum parente e raras vezes por algum vizinho:

> "No domingo a gente faz uns trabalhinho, a gente vai fazendo um e outro. De tarde assim na televisom nom tem programa bom, entom leio e a gente conversa mais, troca idéia com a família, conta causo."

Anualmente ocorrem sete(7) festas organizadas pela Igreja no domingo de data comemorativa ou no domingo mais próximo à data. Estas, como outras festas realizadas eventualmente, sem tradição na comunidade, são momentos de muita participação e envolvimento por parte das camponesas. As semanas de preparativos que antecedem o dia comemorativo, de total participação das mesmas, contituem-se momentos de satisfação e alegria. Embora envolvidas com o trabalho, as conversas e as "frótoles" são uma constante:

> "E também uma oportunidade pra gente se encontrá, né. A gente vai lá, se trabalha, má se conversa também, se dá risada".

Estes tornam-se momentos de aproximação das camponesas, assim como as reuniões de rezas dominicais nas capelas e as novenas (encontros religiosos) nas famílias:

> "Aos domingos assim í rezá o terço junto, fazê esses encontro de noite na família, eu acho até um lazer prá gente, porque lá nós conversemo também."

Conforme os relatos pode-se constatar que assim como o excesso de trabalho na dependência da mulher, existe um conjunto de outros entraves inter-relacionados que inibem a participação e a organização da camponesa ao lazer:

1- Vigilância das atitudes e comportamentos das pessoas pela própria comunidade, como forma de conservar os atributos e valores de cada

membro.

"A gente daqui só fica olhando prá depois criticá. Então a gente se ressente, né..."

2- A distância entre as residências, bem como do centro da comunidade, são expressos como limitadores de encontros e passeios:

"Eu nom sei dirigí carro, í a pé é longe... Eu nom posso participá por causa das dificuldade."

3- O retorno dos filhos do meio urbano nos finais de semana inibe-a de participar de algumas atividades de lazer, especialmente as festas acima referidas:

"De domingo parece um castigo que nunca posso saí, nom me toca prá mim sabe, porque vem todos filho."

"Eu nunca vô nas festa. Sempre tem visita, e quando dá, já tá no fim e nom vale a pena nem me arrumá..."

As camponesas dependentes dos rendimentos oriundos a produção agrícola, constatou-se estarem mais limitadas ao espaço da casa e ao trabalho. As mulheres que assumem tarefas relacionadas ao comércio, à escola, enfim, envolvidas num contato diário com a comunidade, expressam maior liberdade sob o aspecto tempo, embora também submetidas a uma dupla jornada. Além disso, expressam maior disposição para participar e organizarem-se nas atividades de lazer, até então, praticadas pelos homens. Semanalmente frequentam o clube e ocupam os mesmos espaços que os homens:

"Eu acho que poucas mulheres participam. A gente descobriu o gosto de í lá (na sociedade) e até espero

> com ansiedade prá aproveitá este momento. Outras talvez nem descobriram ou nem tem o gosto que nós temos."

Afirmam que não há concretamente atividade organizadas para as mulheres, contudo acreditam ser uma questão dependente das mesmas:

> "A gente que faz o lazer, né. Por exemplo o jogo de baralho, tem mulheres que ainda acham que é só para homens, enquanto nós achamo que é uma ótima diversão para nós."

## 6.2 "NÓS TEMO UMA VIDA MAIS QUIETA,MAIS EM CASA"

A construção de estereotipias, apoiada por um discurso biologicista "...que insiste na existência de duas "espécies" com qualidades e aptidões particulares"[61], tem consequências expressas também na vivência do lazer.

Segundo os esteriótipos, é natural do homem ter sua vida voltada para o espaço público; a mulher, ao contrário, é destinada ao privado, ao familiar e ao materno. Devem ser devotas ao universo da casa, espaço onde encontrarão a realização. Esta ideologia, recebida desde a mais tenra idade, constantemente reforçada pelos mais diversos meios veiculadores de informação, como os meios de comunicação, escolas, igreja, família, etc., agem de forma a criarem aceitação dos fatos como se fossem naturais. Isto se faz sentir nos depoimentos das camponesas da comunidade de

Vale Vêneto, quanto à predisposição ou não ao lazer do homem e da mulher:

> "O home é mais espontâneo, ele faz mais fácil as coisa. A mulher já é mais prá casa."
>
> "Parece que a mulher já é assim. Em vez o home joga, sai, só sai...parece que a mulher não é prá isso, sei lá."

A introjeção destas estereotipias por ambos os sexos estão repercutidas também na segregação dos espaços. Na comunidade de Vale Vêneto, os clubes são liderados pelos homens, não preocupando-se em proporcionar opções de lazer especificamente femininos, de forma a atraí-las para fora do isolamento do lar.

Além da mulher estar sujeita às ordens do marido e/ou do pai, está sujeita também à sua vontade, no que tange ao lazer. Ao mesmo tempo que não proporciona atividades de lazer, confina-a ainda mais ao lar, garantindo a sua liberação:

> "O trabalho dos home é mais pesado, ma eles tem o domingo. Aí vai pro jogo, vai prá outro lugar, nós temo a mesma rotina, tem coisa prá fazê. Se dexo acumulá tudo prá segunda fera não dá, a gente não aguenta, né."

As próprias camponesas consideram suas atitudes cômodas ao ficarem resumidas dentro do lar, fundamentando suas atitudes na educação castradora recebida dos pais.

> "Das vez eu fico pensando porque sô assim, desde nova, nunca fui de saí. Porque meu pai, quando era nova, nom dexava a gente saí, nós gostava de saí, ele nom dexava. Nom é de agora."

Segundo CARDOSO, a cisão entre a vida da mulher e a sociedade também encontra raízes na Igreja Católica. Para esta:

> "O ofício da mulher, sua maneira, sua inclinação inata, é a maternidade (...) A esse fim o Criador ordenou todo ser próprio da mulher, seu organismo, mas também seu espírito e, sobretudo sua especial sensibilidade, de modo que a mulher, verdadeiramente tal, não pode de outro modo compreender a fundo todos os problemas da vida humana, senão com relação à família"[62].

## 7. ASPIRAÇÕES DAS MULHERES CAMPONESAS

### "NEM SEI DIZÊ PORQUÊ NUNCA TIVE NADA"

Expressar gosto, necessidade e desejo é difícil para quem têm sua vida voltada para a família, para o trabalho, para quem o "eu" foi subtraído. Como enfatiza PERROT, dizer "eu" não é fácil para as mulheres a quem toda uma educação inculcou o decoro de esquecimento de si (...)"[63].

Que autonomia pode ter a camponesa se está limitada pela ideologia da submissão, da doação ao marido e aos filhos ? Como pode ter desejos se sua condição de mulher impele a aceitação dos fatos como se fossem determinados "a priori" ?

O cronômetro das obrigações com os papéis de "mãe-mulher-trabalhadeira", ditadas pela sociedade, toma conta do tempo da mulher, como afirma CHAWBAWD e SCHWEBEL :

> "Tempo dependente, modelado pelas atividades e pelo tempo dos outros, o tempo da mulher caracteriza-se pela fragmentação e pela superposição das tarefas. Esses aspectos são reforçados pela presença imediata das pessoas (marido e filhos) para quem o trabalho é realizado"64.

A interferência da família na condução da própria vida da camponesa é grande, quando não na figura do pai, na figura do marido e dos filhos. O controle do seu tempo, bem como, a concessão de autorização são elementos que inibem sua auto-determinação. No meio rural a interferência à autonomia da mulher, torna-se visível também no grau de vigilância exercido pela comunidade. Percebe-se que quanto maior a proximidade das residências e os vínculos que os unem, maior é a influência nas suas "determinações". As vezes, esta influência pode aparecer de forma obscura, incosciente e outras vezes de forma direta e incisiva:

> "Eu gostaria tanto de dançá, má aqui as pessoa fica só olhando pra criticá, entom a gente se recente, a gente fica assim né ... Má era uma coisa que eu gostaria muito de fazê."

Está expresso nos relatos das camponesas um sentimento ambíguo de desejo e castração, isto é, por um lado possuem necessidade de manifestar-se, de estarem liberadas das tarefas, por outro, sentimento de necessidade de cumprimento das suas "obrigações". Sair do espaço e

das tarefas determinadas e vigiadas pela família e pela sociedade, chega a provocar sentimento de auto punição :

"Como a gente vai dexá a família para se divertí ?"

Segundo MARCELLINO, "a realização de qualquer atividade de lazer envolve a satisfação de aspirações dos praticantes"[65]. A prática do lazer está relacionada a escolha subjetiva, através das suas várias alternativas, os quais procura atender as pessoas de forma integral. Par tal, como afirma o mesmo autor, "é necessário que essas mesmas pessoas conheçam as atividades que satifaçam os vários interesses, sejam estimuladas a participar e recebam um mínimo de orientação que lhes permita a opção"[66].

Desta forma, a opção ao lazer da camponesa de Vale Vêneto, além de estar limitada pelo espaço social e cultural da comunidade, necessita conciá-lo com os papéis de mãe, esposa, dona de casa e trabalhadeira camponesa, oque inevitavelmente, varre do território escolha por opção. A obstinação pelo cumprimento destes papéis, fortemente introjectado no subjetivo da camponesa, desde a mais tenra idade, exerce influência na sua vivência ao lazer, visto anteriormente, e nas suas aspirações.

As camponesas expressaram fluentemente, as vezes em tom emocionado, sobre sua rotina de trabalho, "mundo" da sua morada. Contudo, expressar sobre o lazer existente na comunidade e vivenciado por ela, causou certo constrangimento, demonstrando não estar certificada de tudo oque ocorria fora do espaço doméstico. Embaraço maior causou, ao lhes perguntar oque gostariam de fazer no tempo livre, aos finais de semana, enfim, suas aspirações ao lazer. Nada respondiam de imediato,

somente passado momentos de reflexão exprimiam:

> "nem sei oque tê dizê".
>
> "Nem sei tê dizê, porque nunca tive nada."
>
> "Me surpreende...é difícil de respondê, porque a gente nunca fica pensando".

Como enumerar ou citar vontades e desejos uma vez que a sociedade imunizou seus sentimentos e silenciou sua voz, gerando consentimento de negação de si mesma ?

Constata-se através da bibliografia e das falas das camponesas, que as aspirações possuem uma forte interdependência entre elementos de ordem social, econômica e cultural. BOSI, em sua obra Cultura de Massa e Cultura Popular, ao investigar com um grupo de operárias as dificuldades que as separam do ato ler, aponta sobre a humildade e a falta de maiores aspirações das operárias, especialmentes as orindas do meio rural[67].

Verifica-se na comunidade de Vale Vêneto que as camponesas mais idosas restringem-se a enumerar algumas atividades de lazer já existente na comunidade: bingo, jogo de baralho, bailes. Contudo, aspiram participar e muitas organizar estas atividades até então assumidas pelos homens.

> "Ágora eu na minha idade como jogos de handebol, volei nom mais, má um bom bingo, um baralho, alguma coisa bem organizada com bons prêmios, eu gostaria, né."
>
> "Se tivesse assim coisa, assim fora, como no domingo, a gente poderia se distraí mais, seria bom, (...) como na parte de tê assim um esporte mais pra mulher, eu gostaria".

Houve grande ansiedade das mulheres em pensar e citar atividades aspiradas e por vezes não encontrando resposta, expressavam:

"Eu gostaria barbaridade de tê qualquer coisa, até fazê um crochê assim todas juntas".

No decorrer da conversa estas camponesas citaram e relembraram seu universo de conhecimento. As festas religiosas realizadas antigamente (filós, festas nas capelas), foram recordadas com expressão entusiástica, confundida por lamentos em função das transformações ocorridas na comunidade:

"Agora tem os clube, os baile, antigamente nom tinha, nem TV, nem rádio, entom a vizinhança toda se reunia na casa, se cantava, se divertia ... era bastante filho, casa cheia. Nom é que nem agora casa vazia. A gente se dava muito. Tenho saudade ... agora nom sinto mais tanta vontade de í pra oque tem agora".

Tornou-se comum nos relatos destas camponesas, aspirar a volta dos costumes e das festas de intensa integração vicinal, onde cultuavam o canto, a brincadeira, os jogos e o artesanato, como foi explicitado:

"Gostaria que voltasse os jogos que brincavam antigamente. Era muito divertido e nom tinha nada de proibiçon, nom era mal nenhum ... nós cantava, jogava baralho, jogo de lenço. Achava bonito aquelas brincadera".

Uma outra camponesa:

"Gostaria de voltá cantá. Este é meu divertimento. Gosto, gosto mesmo ... tempos atrás depois da missa, lá fora eu cantava em roda ... Parecia que botava pra fora tudo que era tristeza".

Através dos relatos das camponesas mais jovens, percebe-se uma visão de mundo diferenciada. São mulheres pertencentes a uma geração não educadas diretamente pelos imigrantes italianos. Possuem maior

liberdade de ir e vir dentro da própria comunidade, fora dela e até mesmo ao meio urbano. Pode-se dizer que em suas falas há rumores de insatisfação com a problemática de gênero, refletida também na apropriação ao lazer, embora ainda receiosas, humildes e concenciosas. Estas camponesas aspiram basicamente: viajar, ter tempo para passear, direito a férias, organizar e expor em feira seus trabalhos artesanais.

São aspirações que resultam basicamente em garantir um futuro melhor, tanto no sentido de obter direitos já assegurados a outros trabalhadores, como de ser valorizada e reconhecida enquanto trabalhadora.

De acordo com os relatos, ficou claro que as camponesas não estabelecem um projeto de auto realização nem para o presente e nem para o futuro. No caso das camponesas mais idosas aspiram um retorno ao lazer vivido no passado, de certo modo, rejeitando as transformações dos costumes e valores ocorridos nos últimos tempos. Como também, não criam formas de organização coletiva, muito embora a maioria delas acreditem que a responsabelidade e a iniciativa para criar e organizar atividades de lazer, deva partir do conjunto das próprias mulheres. Esta consciência de coletivo apresenta-se ofuscada, acompanhada de temores e por vezes de conformação :

> "Eu acho que a mulher que devia de vê isso, má tá muito apegada ao trabalho também. Elas deviam se desligar mais, má como a gente tá pego desse jeito acho difícl que nem sei".
>
> "Acho que teria que formar equipe, má nom sei quem poderia. Sempre cai nos que estom sempre ocupadas ... teria gente má teria que dispertá-las".
>
> "Olha se a mulher nom tem apoio e nom tem dinhero, nom fazem nada, né".

A organização coletiva está condicionada às próprias características das comunidades rurais, como coloca MARX em seu famoso trecho do Dezoito de Brumário:

> "Os camponeses constituem uma imensa massa, cujos membros vivem em condições semelhantes, mas sem estasbelecerem relações multiformes entre si. Seu modo de produção os isola um dos outros, em vez de reuní-los em interação mútua (...). Cada família camponesa é praticamente auto-suficiente, ela mesma produz inteiramente a maior parte do seu consumo e, desta forma, adquire seus meios de subsistência mais através da troca da natureza do que com o intercâmbio com a sociedade"[68].

A autonomia de cada unidade produtiva(família), somado a distância entre cada uma delas, acarreta apenas identidade local entre os moradores da comunidade, não originando unidade entre eles. Este fato tem-se acirrado constantemente nestas últimas décadas, através do fomento ao individualismo. Desta forma, as pessoas, as famílias e a própria comunidade tornaram-se mais suceptíveis às manobras das forças opressoras. Neste sentido as camponesas apontam a situação da comunidade, no caso específico da organização ao lazer:

> "Junto aqui é muito poquinho. E cada um que se vire por si".

Portanto, aos camponeses de modo geral, existem entraves que impedem uma ação coletiva nos mais diversos níveis. A mulher camponesa no seu espaço predeterminado, o íntimo e o privado, alienada da esfera pública e política, encontra ainda maiores dificuldades para sair do isolamento que a angustia :

> "Eu sinto falta de saí na sociedade. Teria de í má, sempre tem uma coisa e otra da gente nom podê. Senom se fica quasi isolada".

Camponesas retraídadas da vida social, fechadas em si mesmas, quando abrir-se-ão para o mundo e para a história ? Tarefa difícil, como coloca PERROT, "pois os mitos e as imagens recobrem essa história com uma espessa mortalha tecida pelo desejo e pelo medo dos homens"[69]. Porém no anonimato dos seus cotidianos, numa ação dissimulada e embrionária, "costuram" respostas para a situação de descaso que encontram, como percebeu-se através dos relatos:

> "A gente devia se reuní, debate, conversá sobre o dia-a-dia, e vê coisas pra mudá, porque a gente cada vez trabalha mais".

> "Acho que devia sê um poquinho cada uma, nom deveria parti de uma pessoa. Devia se reuní , trocá idéia vê o que uma acha a otra acha".

A partir da consciência de que ficar isoladas nas residências e de que, esperar pela atitude das diretorias dos clubes não irá alterar o quadro de descaso que estão submetidas, as próprias camponesas apontam soluções através da ação coletiva. Como coloca BRUHNS, "a organização torna-se necessária para encontrar saídas e saídas novas conduzem a formas inovadoras de organização"[70].

A organização do conjunto das mulheres atenderia suas próprias necessidades e aspirações mais imediatas, constituindo-se na apropriação de fato e na satisfação de suas aspirações, pois, como aponta BRUHNS,

> "quando o indivíduo participa na organização e utilização do meio ambiente, maior identidade e intimidade se estabelecerá com esse meio, com uma melhor compreensão dos problemas envolvidos. Surge em-

> tão, a práxis desse saber, pois a partir dele, o grupo se reconhece, troca informações e interpreta a realidade em que vive. Esse espaço para troca e reflexão, torna-se vital (...)"[71].

No entanto para atitude supostamente de passividade, de resignação e sua substituição pela conquista de espaço, pelo enfrentamento, principalmente, tendo em vista o cotidiano individualizado das camponesas da comunidade, torna-se imprescindível que a ação coletiva esteja constituída por lideranças. Conforme HOBSBAWM, o campesinato é constituído "quase por definição de pessoas que não podem fazer coisas acontecerem exceto coletivamente (...). Mas mesmo sua ação coletiva requer estrutura e lideranças para que sejam eficazes (...)"[72].

Difícil assumir desejos e vontades socialmente, a quem a socialização foi dirigida à vida doméstica e ao silêncio. Contudo, dentre as camponesas entrevistadas, uma atualmente faz parte da composição da diretoria de um dos clubes existentes na comunidade. Expõe sobre o preconceito sofrido por pertencer ao sexo feminino e sobre a dificuldade de exercer autonomia no conjunto dos demais integrantes do sexo masculino. Salientou que dos vários convites feitos para atrair as camponesas a participarem das atividades do Clube, não alcançou êxito:

> "Elas não sentem aquela necessidade, acham que tem que ficá em casa fazendo comida lavando ropa, e assim por diante. Entom elas esquecem que elas precisam daquilo, e sim só pensam o trabalho do dia-a-dia".

No decorrer do seu depoimento, também aponta a falta de lideranças na comunidade que motive e incentive a participação das mulheres:

"Precisa de líderes que abra as idéia delas. Elas já tem uma vida fechada. Elas é difícil admitir a vir. Oque falta é essa parte".

Ainda inexiste na comunidade de Vale Vêneto, organização formal das mulheres para discutirem questões que as cercam. Contudo, conforme seus relatos, as reuniões religiosas nas famílias, as chamadas novenas realizadas em datas comemorativas da Igreja Católica, tem se constituído em momentos de discussão dos problemas vividos no cotidiano:

"Otro dia depois da novena, num grupo de mulher assim, cada uma falô dos seus ploblema, das necessidade".

Nos anos de 90 e 91, no dia Internacional da Mulher , realizaram-se, em Vale Vêneto, encontros das camponesa,organizados pelos padres da comunidade, na tentativa de levantar discussões e reflexões sobre suas condições de vida . Embora tenha sido realizado em dia de trabalho (dia da semana), houve grande participação das mesmas. Ainda permanece no subjetivo das camponesas a identificação com as palavras do palestrante, como colocam:

"Ele também disse que a mulher tem que pensá no bem estar dela, nom só no trabalho, senom nom sobra tempo, mesmo disposiçom pras otras atividade".

Basta haver objetivo concreto e organizado para a adesão das mulheres. Comprova-se a necessidade que as camponesas possuem de reunirem-se, de saírem do isolamento, de satisfazerem suas necessidades de lazer e de ser social. Neste sentido, utilizando-se de elementos culturais da própria comunidade, presente no cotidiano destas camponesas, poderiam emergir formas de superação das suas carências, rom-

pendo com o isolamento social, situação que muitas vezes perpetua a submissão. Portanto, a Igreja que exerce influência diária e direta na vida destas camponesas, teria papel fundamental na organização de reflexões comunitárias sobre suas vidas, necessidades e aspirações. Através de alguns agentes poderiam ser fornecidos elementos para as primeiras discussões, agregando temáticas que emergem como importantes serem discutidas.

O Clube de Mães, também poderia ser outra força aglutinadora para exposição de interesses e demandas que brotam da suas condições de excluídas dos serviços públicos básicos. Estas duas matrizes básicas poderiam ser os primeiros espaços de sociabilidade das experiências cotidianas, oferecendo subsídios para repensar o papel social de mulher e de mãe na comunidade. Bem como, fortalecer a concepção de sujeito coletivo. Primeiramente a verbalização das inquietações individuais e posteriormente a reflexão coletiva, rompendo com o isolamento.

O isolamento doméstico, provoca restrições à autonomia, à luta, à conquista de espaço e consequentemente aos direitos sociais e políticos. A participação, ao contrário, fortalece a consciência de sua condição de vida e de sua identidade. Contudo, a consciência não parte somente de fora, mas inicia a partir de si mesmas, para após consolidar-se em conquistas institucionais. Há necessidade portanto, das camponesas perceberem-se enquanto trabalhadoras rurais, produtoras de bens e riquezas.

## 8- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho partiu de uma contextualização sócio-cultural da Comunidade de Vale Vêneto, na tentativa de melhor compreender o cotidiano do trabalho e do lazer das camponesas moradores desta comunidade.

Vale Vêneto contitui-se por camponeses descendentes de imigrantes italianos que passam a maior parte do seu tempo envolvidos com o trabalho. O envolvimento com as atividades produtivaw todos os dias, anos após anos, não depende de escolha ou vontade pessoal, é condição de existência que se impõe a estes colonos. A sobrevivência é extraída principalmente da terra, pelo esforço do trabalho. Desta forma, o trabalho apresenta-se como o valor central dos indivíduos, o principal meio de socialização da experiências cotidianas e também o principal meio de ganhar a vida.

Com o avanço do capitalismo, estes camponeses foram forçados a aumentar ainda mais a jornada de trabalho, como forma de garantirem a reprodução da unidade familiar nos mesmos moldes. A ideologia da realização através do trabalho, herdada da forte crença religiosa, foi reforçada pelo capital, com objetivo de suprir suas necessidades de produção de mercadorias.

A camponesa que atendia diversas tarefas relacionadas ao cuidado da casa, dos filhos e dos animais domésticos, coube também, participar dos trabalhos da lavoura e elaborar gêneros comercializáveis para complementar a renda familiar. O dia-a-dia da camponesa, passou a configurar-se numa extensa jornada de trabalho, iniciados ce-

do da manhã e encerrando apenas a noite. Nos finais de semana não fica descomprometida, as tarefas designadas femininas, estão na sua dependência. Embora trabalhe obstinadamente para concretização das tarefas, não tem sido considerada trabalhadora rural e nem recebido benefícios da previdência social.

Constatou-se que a camponesa não possui autonomia sobre o seu tempo. Ele está regido pela necessidades da família e pelos esteriótipos machistas estabelecidos na sociedade. Os dias da camponesa, portanto, são consumidos pelo trabalhoo, adiando para os finais de semana o usufruto do lazer. Aos sábados e domingos, embora restem-lhes mais horas para atividades individuais e sociais, na Comunidade, praticamente, inexiste atrativos especificamente femininos. As atividades de lazer são organizadas e assumidas, na sua maioria, pelos homens. A camponesa passa a maior parte do seu "tempo disponível", na própria residência, muitas vezes em companhia da visita dos filhos, de parentes, e por vezes, em frente a televisão.

Verifica-se, desse modo, que a mulher camponesa da Comunidade de Vale Vêneto, é duplamente marginalizada, tanto no trabalho como no lazer: marginalização decorrente do fato de ser mulher e marginalização decorrente do fato de ser camponesa. A marginalização no trabalho decorrente do fato de ser mulher, ocorre como um reflexo da sociedade machista, que atribui papéis fixos a cada sexo, de modo geral, previligiando o homem e submetendo a camponesa a uma jornada mais extensa. A marginalização no trabalho decorrente do fato de ser camponesa ocorre, porque embora dê conta de uma dupla jornada (casa e lavoura), não tem sido considerada trabalhadora rural e lhe são negados benefícios já concedidos ao homem rural e às trabalhadoras urbanas. A

marginalização no lazer decorrente do fato de ser mulher ocorre por serem desfavorecidas no fator tempo, se comparadas ao homem. O envolvimento durante o dia inteiro com as obrigações familiares e com o cumprimento de seus papéis, constituem-se como entraves para vivenciarem o lazer e integrarem-se a sociedade. A marginalização no lazer decorrente do fato de ser camponesa, ocorre devido a carência de opções de lazer no meio rural e a constância de tarefas dependentes, impossibilitando ausentarem-se para outros fins.

As camponesas, expressar gosto, prazer e aspirações ao lazer apresentou-se como uma dificuldade, pois constitui-se uma realidade distante da sua. Suas reflexões estão voltadas, basicamente, às obrigações. É necessário salientar, no entanto, sobre a defazagem existente entre oque expressam e o que sentem, bem como, entre o que expressam e o que o pesquisador consegue captar. Estas camponesas ao expor sobre suas aspirações ao lazer, deixaram claro que embora na comunidade de Vale Vêneto novas alternativas de lazer tenha surgido nas últimas décadas, comparando-se ao período de 1870 a 1940, decorreu um processo maior de desagregação do que criação de novas opções ao lazer.

A invisibilidade do trabalho da camponesa, o retraimento ao espaço doméstico, o não reconhecimento e o não reconhecer-se enquanto trabalhadora rural, têm prejudicado o exercício de sua cidadania e consequentemente, a organização e disposição para satisfazerem outras necessidades e aspirações.

Pôde-se perceber contudo, que a atitude da camponesa na comunidade, não caracteriza-se por total passividade às imposições sociais. Encontra-se conquistando espaços no trabalho e no lazer. O profundo retraimento em relação ao espaço público que existia no subjeti-

vo das camponesas, aos poucos estão sendo superadas. Nos seus compassos rítmicos, estão encontrando forças e formas para superação das desigualdades de gênero, a partir de si mesmas. Há necessidade ainda, que as camponesas conscientizem-se que suas angústias e aspirações não resumem-se num sentimento individual e sim coletivo. Necessitam também, reconhecerem-se socialmente importantes, cidadãs, lutadoras e inovadoras de práticas; construindo o movimento da história.

Esta monografia não teve ambições de encerrar conclusões sobre o cotidiano do trabalho e do lazer da mulher camponesa. Apenas tentou-se registrar vivências, observações e os próprios depoimentos das camponesas. Conscientes da compelxidade do tema, e de nele ainda estarmos "espiando por entre as frestas", acredita-se, que o interresse dessas camponessas em interromper a rotina de trabalho e se dispor a falar um pouco sobre suas vidas e aspirações, tem significados... talvez aqui não identificados no seu todo.

Pesquisar e escrever, abre perspectivas para querer pesquisar e escrever mais. Descobre-se o pouco que se sabe e o quanto se têm pela frente, enfim, descobre-se um mundo a desvendar. Pode-se dizer que este é um estudo que nos apaixona, inquieta e convida para outras viagens...

NOTAS:

1- Por comunidade, entende-se um agrupamento de camponeses que vivem em determinada região, tendo como atividade produtiva principal a agricultura. Possuem certas semelhanças nos hábitos, costumes, crenças, como também certas diferenciações na estratificação social, gerando certos conflitos de interesses.

2- Segundo N. S. TRIVINUS, observar "não é simplesmente olhar (...) é decobrir seus aspectos aparenciais e mais profundos (...)".p.153

3- Nelsom Carvalho MARCELLINO, Lazer e educação p.31

4- Ecléa BOSI, Cultura de massa e cultura popular p.32.

5. Tanto Gramsci como Marx incluem os camponeses no interior das classes subalternas da sociedade capitalista. Ver Karl MARX em 18 Brumário e Antonio GRAMSCI em A questão meridional.

6. Teodoro SHANIN - A Definição de Camponês - Conceituações e desconceituações, p.51

7. Ver DE BONI L.H. e COSTA Rovílio. Os italianos do Rio Grande do Sul p.70 a 75.

8. Ver pesquisa realizada por MARIN Joel O. e MARIN Elizara C. Vale Vêneto: centro cultural da ex-colônia italiana de Silveira Martins.

9. Neste período as relações escravistas começam a ser substituídas pelas relações capitalistas de produção. Ver GIRON L.S. A Imigração Italiana no Rio Grande do Sul: fatores determinantes.

10. Ver LORENZONI, Júlio. Memórias de um Imigrante Italiano. 1975.

11. Silvino SANTIN, Dimensão social do Trabalho e da propriedade do imigrante Italiano na ex-colônia de Silveira Martins.p.455

12. Ibidem, p.456

13. Ibidem, p.457

14. As linhas foram utilizadas para melhor demarcar os lotes de terra distribuídos aos colonos, delimitados de 1.000 em 1.000 metros. Os moradores de cada linha, em sistema de mutirão, construiram uma capela e elegeram um Santo Protetor em consonância com suas devoções, para protegerem-se dos mais diversos problemas de saúde, a plantação, a família e os animais domésticos.

15. Ver MARIN, Jérri Roberto. A Romanizaçpão da Igreja e as Associações Devocionais no Quarto Núcleo da Colonização Italiana do Rio Grande do Sul. 1991.

16. SILVINO Santim , A imigracão esquecida, p.82.

17. Luis A. DE BONI e Costa ROVILIO, Os italianos no Rio Grande do Sul p,154.

18. Pio BUZANELO, História de Nossa Gente, p.89.

19. João Bosco PINTO, Tecnologia e pequena produção no desenvolvimento rural,p.7.

20. José Vicente Tavares dos SANTOS, Colonos da vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho do camponês ao capital,p.60.

21. Karl MARX, O Capital: Crítica da economia política, p.39.

22. Conforme PINTO, João Bosco. Percepções da população rural sobre a escola - Fundação Getúlio Vargas (Mimeo p.15)

23. "TEMPO PERDIDO", seria um tempo em que os camponeses não estão envolvidas diretamente no trabalho produtivo da agricultura, tais como, domingos, sábados a tarde, dias de chuva. Executam atividades mais leves, realizadas nas residências e consideradas por eles, prazeirosas.

24. Ver Karl MARX, O Capital: Crítica da economia política, p.86.

25. Iara do Carmo CALLEGARO, Estratégias de sobrevivência familiar em pequenas propriedades rurais, p.139.

26. Ver SANTIN, Silvino. A imigração esquecida, 1986.

27. Ver MARIN, Elizara Carolina e MARIN, Joel Orlando. O lazer e o jovem rural, Trabalho apresentado no II Simpósio Internacional de Saúde Mental Comunitária. Santa Maria , RS. 1990.

28. É importante salientar que estas transformações se dão prioritariamente a partir da modernização da agricultura. São poucos os estudos realizados acerca da organização estrutural das famílias entre os pequenos produtores, carecendo de estudos aprofundados.

29. João Bosco PINTO, Percepções da População Rural sobre a Escola, p.07.

30 - Karl MARX, O Capital, p.48.

31 - ALBORNOZ, Suzana. O que é trabalho, 1988.

32 - José Vicente Tavares SANTOS, Colonos do vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho do camponês ao capital,1984.

33- A reprodução social dos camponeses se dá fundamentalmente pelo sistema de herança, isto é, pela transmissão da propriedade a um dos filhos. No caso dos camponeses da comunidade de Vale Vêneto, geralmente é o filho homem mais moço da família que a recebe. Às filhas mulheres não possuem direito a essa herança, por serem consideradas incapazes de administrar a propriedade da terra. O sistema de herança garante a continuidade da existência destes camponeses.

34 - José Vicente Tavares dos SANTOS, Colonos do Vinho, p140.

35 - José de Souza MARTINS, Expropriação e violência: a questão política no campo, p.59.

36 - João Bosco PINTO, Percepções da população rural sobre a escola, p.08.

37 - José Vicente Tavares dos SANTOS, Colonos do vinho:estudo sobre a subordinação do trabalho do camponês ao capital, p.143.

38 - Ver MARCUSE, Herbert. A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional, 1982.

39 - Herbert MARCUSE, Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud, p.94.

40 - Miguel G ARROYO, Revendo os vínculos entre trabalho e educação: elementos materiais de formação humana, p.190.

41 - Joel Orlando MARIN, Conformismo e resistência dos camponeses à extensão rural, p.146.

42 - Pedro DEMO. Uma dúvida, quase uma Perplexidade: algumas dificuldades da educação rural, p.157.

43 - EMATER: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

44 - Conforme FONSECA, a Extensão Rural foi um projeto educativo no final dos anos 40 e estende-se até os dias de hoje. Caracterizou-se por ser um projeto de educação não-formal que atingiu adultos e jovens. Através de procedimentos metodológicos próprios, o projeto extensionista visava a modernização tecnológica das atividades agropecuárias e domésticas, bem como a qualificação da mão de obra rural.

45 - Ecléa BOSI, Cultura de massa e cultura popular, p.168.

46 - ver MARIN, Elizara Carolina e MARIN,Joel Orlando. O lazer do jovem rural. Trabalho apresentado no II Simpósio Internacional de Saúde Mental Comunitária. Santa Maria,RS, 1990.

47 - Friedrich ENGELS, A origem da família, da propriedade privada e do Estado, p.113.

48 - Anita BRUMER e Nádia M. S. FREIRE. O trabalho da mulher na pequena produção agrícola, p.318.

49 - Ibidem, p.318.

50 - Ibidem, p.320.

51 - Ibidem, p.320.

52 - Ibidem, p.320.

53 - Iara CALLEGARO, estratégias de sobrevivência em pequenas propriedades Rurais, p.150

54 - Lea ANASTASSAKIS. A mulher e a legislação rural, p.18.

55 - Conforme artigo "Gênero e Classe: um novo desafio para o movimento sindical", encontrado na revista Mulheres Trabalhadoras Rurais - Participação e luta Sindical, Maio 1991.

56 - Léa ANASTASSAKIS. A mulher e a legislação rural, p.18.

57 - A quitanda é um sistema de escoamento de produtos em que o comerciante urbano busca a produção diversificada das camponesas, em determinado dia da semana, na própria residência.

58 - Cláudia FONSECA. Trabalhadoras sem Terra: um estudo de caso do trabalho feminino no campo, p.277-278.

59 - Ibidem, p.276.

60 - Lilian A. B. do VALLE, O lazer como resistência, p.48.

61 - Michelle PERROT, Os excluídos da história, p.177.

62 - Irede A. CARDOSO, mulher e trabalho, p.42.

63- Michelle PERROT, Práticas da memória feminina p.17

64- CHAWBAWD e SCHWEBEL, apud Jane Maria C.PPOZATTI,p.184.

65- Nelson Carvalho MARCELLINO, O conteúdo do Lazer, 22 de maio de 1987.

66- Ibidem

67- Ver BOSI, Ecléa. Cultura de Massa e Cultura Popular: leituras de operárias. 1989.

68- Karl MARX, Dezoito de brumário, p.277.

69- Michelle PERROT, Os excluídos da história, p.187.

70- Heloisa T. BRUNHS, A proposta "carente" de lazer X espaço de lazer dos "carentes", p.224.

71- Ibidem

72- Eric J. HOBSBAWM,. Mundos do trabalho, p.187.

# 9. BIBLIOGRAFIA


ALBORNOZ, Suzana. O que é trabalho. 3.ed. São Paulo:Brasiliense, 1988. 102p. (Coleção Primeiros Passos).

TOSCANO, Moema (Org.) A mulher e a legislação rural. In: Mulher rural:contribuição ao estudo da situação da mulher. Rio de Janeiro: s.e., 1983. p.5-19.

ARROYO, Miguel G. Revendo os vínculos entre trabalho e educação:elementos materiais da formação humana. In:SILVA, Tomás T. da (Org.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

BOSI, Ecléa. Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias. Petrópolis: Vozes, 1989. 188p.

BRUMER, Anita, Freire, Nadia M.S. O trabalho da mulher na pequena produção agrícola. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRGS, Porto Alegre, 1983/1984, p.305-321.

BRUHNS, Heloísa T. A proposta "carente" de lazer X espaço de lazer dos "carentes". Revista Brasileira de ciências do esporte, v.11, n.3, 1990. p.210-214. ISSN 0101-3289.

BUZANELO, Pio. História de nossa gente. Santa Maria: Palotti, 1942.

CALLEGARO, I. Estratégias de sobrevivência familiar em pequenas propriedades rurais. Santa Maria, 1990, p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Centro de Economia rural, Universidade Federal de Santa Maria, 1990.

CARDOSO, Irede. Mulher & Trabalho. São Paulo: Cortez, 1980. 104.p.

DE BONI, Luis A. e Costa Rorílio. Os italianos no Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre: Vozes, 1982. p.244.

ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986. 215p.

FONSECA, Cláudia. Trabalhadoras sem terra: um estudo de caso do trabalho feminino no campo. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, Porto Alegre, v.7/8, 1979/80. p.273-283.

FONSECA, M. T.L. da. A extensão rural no Brasil: um projeto educativo para o capital. São Paulo: Layola, 1985 181p.

FREITAS, Silvia D. Trabalho e educação da mulher economicamente ativa. Porto Alegre, 1983, p.Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1983.

GIROM, Loraine Slomp. A imigração italiana no RS: fatores determinantes. In: RS: Imigração e Colonização Org. José H. Dacal e Sergius Gonzaga. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. 280p Série Documento, 4.

GRAMSCI, Antônio Alguns temas da questão meridional In: A questão meridional Franco de Felice e Valentino Parlato (Org.) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOBSBAWM, Eric. . Mundos do trabalho; novos estudos sobre história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 447p.

LAFARGUE, Paul. O direito à preguiça. São Paulo: Kairós,1980. 57p.

MARCUSE, Herbert. A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Guanabara, sd.

MARCELLINO, Nelson C. Lazer e humanização. Campinas: Papirus, 1983. 83p.

_____. Pedagogia da Animação. Campinas: Papirus, 1990. 149p.

_____. Lazer e educação. Campinas: Papirus, 1987. 164p.

_____. Lazer: Substantivo Masculino. Correio Campinas, 26 de junho. 1987. Caderno de lazer & turismo popular.

_____. O conteúdo do lazer. Correio popular, Campinas, 22 de maio. 1987. Caderno de lazer & turismo.

_____. As barreiras para lazer. Correio popular, Campinas, 5 de junho. 1987. Caderno de lazer & turismo.

MARIN, Elizara Carolina, Marin, Joel O. Vale Vêneto: Centro cultural da ex-colônia italiana de Silveira Martins. Pesquisa apresentada no I Fórum de Cultura da 4. Colônia Italiana - RS - 1990.

MARIN, Jérri Roberto de Beviláqua. A romanização da igreja e as associações devocionais no quarto núcleo de colonização italiana do RS. Monografia da disciplina História Platina II, do curso de Pós-Graduação em História - UFRGS - IFCH - Porto Alegre, 1991 (mimeo).

MARIN, Joel Orlando. Conformismo e resistência dos camponeses a existência rural. Santa Maria, 1991, p. Dissertação (mestrado em extensão rural) - Centro de Economia Rural, UFSM, 1991.

MARTINS, José de Souza. Expropriação e violência: a questão política no campo. São Paulo: Hucitec, 1980.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1975. V3.

_____. Obras escolhidas. São Paulo: Alfa-ômega, 381p.

_____. O capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, Cap.I - V1.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. Revista Brasileira de História, In: Bresciani, Maria Stella (Org). São Paulo. Anpuh/Marco zero, V9 - n18.

PINTO, João Bosco Guedes. Tecnologia e pequena produção no desenvolvimento rural. Recife. Projeto DRIN - Brasil. OEA/Sudeste. Doc.nA-8. 1981. 24p. (mimeo).

_____. Percepções da população rural sobre a escola. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas (mimeo), 1985.

SANTIM, Silvino. Dimensão social do trabalho e da propriedade do imigrante italiano na ex-colônia de Silveira Martins: A presença italiana no Brasil. De Boni, Luis A (Org). Porto Alegre, BT, Fundacione Giovanni Aguelli, 1990.

_____. A imigração esquecida. Porto Alegre: Editora da Escola Superior de Teologia, 1986.

SANTOS, José Vicente Tavares. Colonos do vinho: Estudo sobre a subordinação do trabalho do camponês ao capital. São Paulo: Hucitec, 1984.

SHANIN, Teodoro. A definição de camponês: conceituações e desconceituações: O velho e o novo em uma discussão marxista. Estudos CEBRAP, n36, 1980. p42-80.

TRIVINOS, Augusto N.S. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1990. 175p.

VALLE, Lilian A.B. do . O lazer como resistência. Forum educ. Rio de Janeiro, out/dez. 1988.